



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE.

OSVALDO DE JESUS CRUZ

**O ENSINO DO ATLETISMO NA EDUCAÇÃO**  
**INFANTIL:** As contribuições dos jogos e das  
brincadeiras para o desenvolvimento infantil.

SÃO CARLOS – SÃO PAULO  
2026



2026

OSVALDO DE JESUS CRUZ

# **O ENSINO DO ATLETISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: As contribuições dos jogos e das brincadeiras para o desenvolvimento infantil.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF da UFSCar – São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Oswaldo de Jesus Cruz

Orientadora: Profa Dra. Daniela Godoi  
Jacomassi.

Área de Concentração: Educação  
Física Escolar.

Linha de Pesquisa: Abordagens  
Metodológicas e processos de ensino e  
aprendizagem.



SÃO CARLOS – SÃO PAULO  
2026

Cruz, Osvaldo de Jesus

O Ensino do Atletismo na Educação Infantil: : As contribuições dos jogos e das brincadeiras para o desenvolvimento infantil. / Osvaldo de Jesus Cruz -- 2026. 124f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos  
Orientador (a): Daniela Godoi Jacomassi  
Banca Examinadora: Florence Rosana Faganello Gemente, Guy Ginciene  
Bibliografia

1. Atletismo. 2. Educação Infantil. 3. Educação Física. I. Cruz, Osvaldo de Jesus. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Osvaldo de Jesus Cruz, realizada em 05/02/2026.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi (UFSCar)

Profa. Dra. Florence Rosana Faganello Gemente (UFG)

Prof. Dr. Guy Ginciene (UFRGS)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.



## **DEDICATÓRIA**

Dedico o este trabalho à minha esposa Mariana, à minha mãe Jovina e a todas as pessoas que contribuíram para a construção da minha identidade.



## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi, pela paciência e pela atenção durante o processo de construção desta dissertação. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).



## EPÍGRAFE

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor.”  
(Paulo Freire)

## RESUMO

O Atletismo é um esporte capaz de auxiliar amplamente no desenvolvimento das crianças em função da sua facilidade de estimular diferentes capacidades motoras de seus praticantes e de transmitir ensinamentos que extrapolam a esfera motora, passando a abordar elementos sociais, comportamentais, entre outros. Na Educação Física Escolar, o ensino dos esportes está previsto apenas para os anos do ensino fundamental e geralmente o Atletismo não é uma modalidade esportiva popular entre os alunos. Na Educação Infantil a criança deve ter oportunidades de vivenciar diferentes experiências previstas nos Campos de Experiências previstos na BNCC, cabendo à Educação Física abordar os temas relacionados à cultura corporal de movimento de maneira lúdica com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento da criança por meio do uso dos jogos e brincadeiras. O brincar para as crianças é fundamental na medida que é por meio das brincadeiras que elas interagem com os seus pares e com o ambiente em que elas estão inseridas, é brincando que ela se torna capaz de demonstrar sentimentos, sensações, superar desafios e se expressar de maneira mais eficaz. Diante disso, partindo da dificuldade de relacionar os conteúdos programáticos da Educação Física, principalmente sob a ótica do ensino dos esportes, com os Campos de Experiências previstos para a Educação Infantil, esta pesquisa teve como objetivo analisar o processo de elaboração e implementação de uma unidade didática abordando elementos do Atletismo por meio de jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida com crianças de 5 anos de uma Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) do município de Ribeirão Preto no interior do Estado de São Paulo. A coleta de dados ocorreu por meio de registros em vídeo, diário de aula e desenhos produzidos pelas crianças. Os resultados evidenciaram que o processo de elaboração da unidade didática foi dinâmico envolvendo ajustes e reorganização ao longo de sua implementação, o que resultou na ampliação do número de encontros, culminando na sua configuração final com oito encontros. No que se refere a sua implementação, a unidade didática se mostrou adequada ao nível de desenvolvimento das crianças, de modo que elas conseguiram compreender e vivenciar as brincadeiras de maneira lúdica e segura. Consideramos que os jogos e brincadeiras representam uma estratégia pedagógica potente para abordar o Atletismo na Educação Infantil e o ensino do Atletismo para esta faixa etária se mostrou pertinente na medida em que ele possibilitou a articulação entre diferentes Campos de Experiências, mostrando ser capaz de contribuir para o desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional das crianças, em consonância com a BNCC. Como recurso educacional, foi elaborado um miniguia didático de Atletismo voltado à Educação Infantil, especialmente para crianças de cinco anos, fundamentado nas experiências vivenciadas pelas crianças participantes deste estudo, com o objetivo de subsidiar a prática docente e favorecer o desenvolvimento integral.

**Palavras-chave:** Atletismo, Educação Infantil, Jogos, Brincadeiras, Educação Física Escolar.

## ABSTRACT

Athletics is a sport that can greatly support children's development due to its ability to stimulate different motor skills and to convey learning that goes beyond the motor domain, encompassing social, behavioral, and other aspects. In school Physical Education, sports are typically taught only in the years of elementary education, and athletics is generally not a popular sport among students. In Early Childhood Education, children should have opportunities to experience different situations outlined in the Fields of Experience established by the BNCC, with Physical Education addressing themes related to the culture of movement in a playful way, aiming to support child development through games and play activities. Play is fundamental for children, as it is through play that they interact with peers and their environment; it is by playing that they can express feelings and sensations, overcome challenges, and communicate more effectively. Given the difficulty of relating Physical Education curricular content—especially from the perspective of sports teaching—to the Fields of Experience proposed for Early Childhood Education, this study aimed to analyze the process of designing and implementing a didactic unit addressing elements of athletics through games and play in Early Childhood Physical Education classes. This is a qualitative study conducted with five-year-old children from a Municipal Early Childhood School (EMEI) in the city of Ribeirão Preto, in the state of São Paulo, Brazil. Data collection was carried out through video recordings, a teaching journal, and drawings produced by children. The results showed that the process of designing the didactic unit was dynamic, involving adjustments and reorganization throughout its implementation, which led to an increase in the number of sessions, resulting in a final structure of eight sessions. Regarding its implementation, the didactic unit proved appropriate to the children's developmental level, allowing them to understand and experience the activities in a playful and safe manner. We conclude that games and play represent a powerful pedagogical strategy for teaching athletics in Early Childhood Education. Teaching athletics to this age group proved relevant, as it enabled the integration of different Fields of Experience and contributed to children's motor, cognitive, and socio-emotional development, in alignment with the BNCC. As an educational resource, a mini didactic guide on athletics for Early Childhood Education, especially for five-year-old children—was developed based on the experiences of the participating children, with the aim of supporting teaching practice and promoting holistic development.

**Keywords:** Athletics. Early Childhood Education. Games. Playful Activities. School Physical Education.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases
<b>BNCC</b>	Base Nacional Curricular Comum
<b>RCNEI</b>	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
<b>DCNEI</b>	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
<b>CBAat</b>	Confederação Brasileira de Atletismo
<b>IAAF</b>	Federação Internacional de Atletismo Amador
<b>EF</b>	Educação Física
<b>EI</b>	Educação Infantil
<b>EFE</b>	Educação Física Escolar
<b>CE</b>	Campo de Experiência

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pátio da escola.....	49
Figura 2 – Quadra da escola.....	50
Figura 3 - Crianças assistindo ao vídeo de introdução.....	65
Figura 4 – Alongamentos na quadra.....	66
Figura 5 – Jogando a bola do outro lado do “rio”.....	67
Figura 6 – Imagem ilustrando a distância final da margem do “rio”.....	70
Figura 7 – Corrida do sorvete.....	71
Figura 8 – Disposição das barreiras no pátio.....	72
Figura 9 - Saltando o rio.....	74
Figura 10 - Saltando sobre os colchões.....	75
Figura 11 - Saltando sobre os colchões com uma corrida de aproximação.....	76
Figura 12 – Disposição inicial da corda.....	78
Figura 13 – Disposição da corda em outra altura.....	79
Figura 14 – Disposição final da brincadeira.....	79
Figura 15 – Crianças brincando de amarelinha.....	81
Figura 16 – Crianças brincando na primeira amarelinha adaptada.....	82
Figura 17 – Segunda amarelinha adaptada.....	83
Figura 18 – Brincadeira de acertar a bola mágica no sol.....	85
Figura 19 – Mandando o “astronauta” para o espaço.....	87
Figura 20 - Desenho representando o lançamento do foguete.....	89
Figura 21 - Desenho representando a brincadeira de lançar o foguete.....	90
Figura 22 - Desenho representando a brincadeira de acertar a bola mágica no Sol.....	91
Figura 23 - Desenho representando as crianças pulando o “rio”.....	92
Figura 24 - Desenho representando a brincadeira de pular a “cerca”.....	92
Figura 25 - Desenho representando a brincadeira de pular no colchão/rio.....	93
Figura 26 - Desenho representando a brincadeira de pular o colchão.....	94



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Síntese da unidade didática.....	57
Tabela 2 - Campos de Experiências e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.....	59



## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO .....	12
1.1 Trajetória acadêmica .....	13
1.1.1 A opção pela Educação Física.....	13
1.1.2 Importância das disciplinas cursadas para a realização da pós-graduação.....	14
2. INTRODUÇÃO .....	16
2.1 Objetivos: .....	18
2.1.1 Objetivos específicos: .....	18
3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL .....	19
3.1. Aspectos legais da educação infantil.....	19
3.2 A educação física na Educação Infantil. ....	23
4. OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS COMO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	28
4.1 Vamos Brincar?.....	28
4.2 O jogo e as suas definições .....	33
4.3 Jogos e brincadeiras como um instrumento de aprendizagem .....	37
5. O ATLETISMO COMO CONTEÚDO ADAPTADO À INFÂNCIA.....	42
6. PERCURSO INVESTIGATIVO .....	48
6.1 Universo da Pesquisa .....	48
6.2 Procedimentos .....	51
6.3 Coleta de dados .....	51
6.4 Análise dos dados.....	52
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	53
7.1. Processo de Elaboração da Unidade didática .....	53
7.2. Aplicação da unidade didática: apresentação e análise .....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS .....	100
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	106
APÊNDICE B - Termo de Autorização de Imagem .....	108
APÊNDICE C – Roteiro para elaboração dos diários de aula.....	109
APÊNDICE D – Diário de aula 1.....	111
APÊNDICE E – Diário de aula 2 .....	113
APÊNDICE F – Diário de aula 3 .....	115
APÊNDICE G – Diário de aula 4.....	117
APÊNDICE H – Diário de aula 5.....	119
APÊNDICE I – Diário de aula 6 .....	121
APÊNDICE J – Diário de aula 7.....	123
ANEXO 1 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa .....	124

## 1. APRESENTAÇÃO

Quando eu iniciei<sup>1</sup> a minha jornada como professor de Educação Física no Município de Ribeirão Preto eu me senti um pouco perdido, tendo em vista que esta foi iniciada na Educação Infantil (EI) e durante a minha graduação eu tive pouco contato com este público, eu me recordo que durante a minha formação eu tive apenas uma disciplina voltada para o universo da pré-escola, sendo apenas uma disciplina de estágio de observação da estrutura e do funcionamento das unidades de ensino, e não houve interação com as crianças.

Ao conversar com colegas de trabalho aqui da minha rede de ensino e com colegas de outras localidades, eu percebi que mais pessoas compartilhavam das minhas angústias, tendo em vista que a Educação Física na EI ainda é algo novo e que existem municípios que ainda não oferecem esta disciplina aos alunos.

Diferentemente do que ocorre nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, os documentos norteadores da Educação Infantil não trazem os conteúdos/unidades temáticas que devemos trabalhar na Educação Física, e sim os Campos de Experiências dos quais a criança possui o direito de se apropriar. Estes Campos de Experiências são denominados: “Corpo, gestos e movimentos”, “Eu, o outro e o nós”, “Traços, sons, cores e formas”, “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações” (Brasil, 2017).

Uma das principais dificuldades encontradas no início da atuação na Educação Infantil foi identificar as atividades que eu poderia ministrar para as crianças que fossem capazes de atender os requisitos previstos nestes campos de Experiências, pois não existem documentos que preveem o que deve ser trabalhado pela Educação Física, em cada Campo de Experiência previstos para esta faixa etária, como existem para os demais ciclos de ensino, pois sabemos que nos anos seguintes nós devemos trabalhar os esportes, a dança, as lutas, etc.

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que o presente texto alterna a narrativa em primeira pessoa do singular e do plural, tendo em vista que, em determinados momentos, reflete a experiência singular do professor-pesquisador e, em outros, aborda reflexões e saberes construídos coletivamente com sua orientadora e com diferentes interlocutores, no âmbito acadêmico e pessoal.

Partindo desta minha angústia, que eu identifiquei a problemática desta intervenção, que consiste na proposta de investigar a viabilidade da introdução de elementos de algum esporte (no caso o esporte escolhido foi o Atletismo) de maneira mais direcionada e de acordo com as demandas das crianças, conforme previsto na BNCC por meio dos Campos de Experiências, justificando assim a realização desta intervenção. A ideia era inserir elementos esportivos por meio da simulação de provas de Atletismo, utilizando os jogos e as brincadeiras como base para o desenvolvimento da proposta.

## **1.1 Trajetória acadêmica**

### **1.1.1 A opção pela Educação Física.**

Optei por me graduar no curso de Licenciatura em Educação Física em função da experiência que eu vivi durante os anos em que eu era aluno da Educação Básica. Na época eu já gostava muito de praticar esportes, mas foi em uma aula de Educação Física que eu soube de uma competição que iria acontecer em um sábado e como eu não tinha muito o que fazer eu me convidei para ir junto com os colegas da escola, mal sabia eu, que ali iria começar a minha trajetória no Atletismo e todos os anos seguintes de muita vivência desse esporte seria o principal fator utilizado para a escolha do curso. Curiosamente, a citada competição foi realizada na pista de Atletismo do campus da UNESP/Bauru, local que eu voltaria anos depois para me graduar.

Durante a graduação eu dividi as minhas horas entre o trabalho durante o dia e os estudos no período noturno e durante quase toda a graduação eu participei do projeto de Extensão Universitária “Atletismo na Unesp”, no qual eu fui desde aluno bolsista a monitor voluntário, por intermédio deste projeto eu aprimorei as minhas experiências adquiridas como atleta e ampliando os meus conhecimentos sobre o esporte.

No ano de 2020 eu iniciei a minha jornada na Rede Municipal de Ensino do Município de Ribeirão Preto, jornada esta que ainda tem muito chão de quadra pela frente. Em busca de ampliar os meus conhecimentos para aprimorar a minha prática

docente, eu ingressei na 5ª Turma do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

### **1.1.2 Importância das disciplinas cursadas para a realização da pós-graduação.**

Eu ingressei no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF com o objetivo de buscar novos conhecimentos e aprimorar ainda mais a minha prática docente visando aumentar a minha contribuição com a busca de uma Educação Pública de qualidade, que seja capaz de formar cidadãos emancipados e críticos, através da oferta de aulas de Educação Física críticas e acolhedoras.

As disciplinas apresentadas no decorrer do curso foram fundamentais para que eu pudesse trilhar esta longa caminhada, elas me ofereceram novos conhecimentos, novas visões de conhecimentos já adquiridos e novas formas de pensar e repensar a minha prática docente. Através destas disciplinas eu pude perceber que eu estava seguindo o caminho certo no meu dia a dia nas escolas, mas foi muito reconfortante ter essa confirmação através das disciplinas e das trocas de experiências com os demais professores.

Além do mais, as disciplinas foram capazes de aumentar exponencialmente estes meus conhecimentos em relação às unidades temáticas de Educação Física, introduzindo novas visões sobre as metodologias de ensino utilizadas pela nossa área de atuação.

Em paralelo com a realização das disciplinas, eu realizei diversas atividades em busca de conhecimentos e aprimoramentos relacionados à Educação Física, desde a participação de congressos como ouvinte, até a realização de cursos pelo POCA – Portal de Cursos Abertos da UFSCar.

Avalio que a minha vivência na pós-graduação está me ofertando mais conhecimentos para a minha prática docente e me ajudando a “evoluir” em diferentes esferas, sinto que estou trilhando um caminho em busca de

conhecimentos capazes de facilitar a minha contribuição com a construção de um ensino democrático, acolhedor e emancipatório.

## 2. INTRODUÇÃO

O Atletismo é um esporte que demanda de seus praticantes a execução de diferentes movimentos, de acordo com as provas nas quais são especialistas. Embora algumas provas exijam a realização de movimentos mais complexos (como no lançamento do martelo), a análise da maioria dos movimentos presentes nas diversas provas do Atletismo revela semelhanças de alguns destes movimentos com ações cotidianas do ser humano, tais como nos atos de correr, saltar, lançar ou arremessar objetos.

O Atletismo destaca-se pela exigência de diversas capacidades físicas tais como; a força, a coordenação motora, a velocidade etc. (Fernandes, 2003). No ensino infantil, há uma dificuldade em trabalhar os diferentes tipos de esportes em função da capacidade de a criança entender a lógica interna dos jogos e em função de ela ainda não ter atingido um nível de desenvolvimento para realizar atividades mais complexas.

Entretanto, pode-se observar que, no Atletismo, a demanda de atividades mais complexas é restrita a algumas provas (salto com vara e o lançamento do martelo); as demais provas são realizadas sob a demanda da realização de movimentos que a criança já é capaz de realizar, como o correr, o saltar vertical e horizontalmente, lançar ou arremessar um objeto. Justificando assim, a escolha deste esporte como elemento a ser introduzido no universo infantil de maneira que ele atenda as orientações previstas na BNCC e nos demais documentos normativos.

O brincar também tem papel fundamental no desenvolvimento das crianças, tendo em vista que na Educação Infantil elas se desenvolvem por meio da vivência de novas experiências com o seu corpo, levando assim a uma compreensão das possibilidades de expressões corporais em relação ao tempo e ao espaço em que se situam.

Dentro do universo infantil, o brincar pode se manifestar de diferentes modos e os jogos se encaixam nesta gama de opções, tendo em vista que, segundo Dias (2005), o jogo é uma linguagem inconsciente que auxilia a criança a deixar transparecer diferentes faces, como a inteligência, o carácter, a sua vontade, a sua

personalidade e suas emoções.

Ainda segundo Dias (2005), o jogo permite que as crianças “voem” sobre um mundo individual e coletivo, que é determinante para a compreensão do universo infantil, sendo que o jogo é uma ocupação séria da criança que a absorve e a preenche. Mesmo sendo uma ocupação séria da criança, ela o faz dentro do universo do brincar, mesmo realizando jogos com regras.

Na Educação Infantil, como previsto nos documentos normativos e em diretrizes de ensino, devemos promover um ensino que seja capaz de contemplar as diferentes necessidades educacionais da criança de acordo com os Campos de Experiências previstos para este público, em relação aos jogos e brincadeiras, Silveira (2014), afirma que:

Compreendendo o brincar/jogar como uma necessidade da criança, a sua essência é de suma importância na sua formação e no seu desenvolvimento cultural e social. Entendemos que o brincar nada mais é do que o enriquecimento cultural, já que a real cultura se constrói através da liberdade criativa do ser humano, recusando toda e qualquer imposição. (Silveira, 2014, p. 43).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), afirma que as instituições devem assegurar e valorizar os jogos motores e as brincadeiras que auxiliem progressivamente na coordenação dos movimentos e no equilíbrio das crianças. O mesmo documento afirma também que os jogos motores de regras são capazes de promover situações de aprendizagem social, pois através do jogo, a criança pode interagir com os seus pares, trabalhando a cooperação e o respeito aos colegas e às regras. (Brasil, 1998).

Destarte, fica evidente a importância dos jogos e brincadeiras como ferramentas fundamentais para buscar promover o desenvolvimento e a aprendizagem deste público, de maneira que se possa relacionar estes temas com os demais temas da Educação Física e da Cultura Corporal de Movimento, sempre com um viés lúdico e humanizado.

## **2.1 Objetivos:**

O objetivo geral do estudo foi analisar o processo de elaboração e implementação de uma unidade didática abordando elementos do Atletismo por meio de jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física para crianças de 5 anos de uma Escola Municipal de Educação Infantil.

### **2.1.1 Objetivos específicos:**

Descrever o processo de elaboração da unidade didática abordando temas do Atletismo por meio dos jogos e das brincadeiras para o público da EI com crianças de cinco anos de idade.

Implementar a unidade didática nas aulas de Educação Física com crianças de 5 anos e analisar esse processo com o objetivo de identificar os jogos e as brincadeiras que foram capazes de atender as demandas previstas nos Campos de Experiências previstos na BNCC e a sua aplicabilidade nas aulas.

Avaliar através da análise das reproduções gráficas em forma de desenho, o nível de entendimento do conteúdo abordado nas aulas observando quão significativas as atividades foram para as crianças.

### **3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL**

#### **3.1. Aspectos legais da educação infantil.**

O acesso à educação está previsto em diferentes leis e a primeira lei que vamos citar é a Constituição Federal de 1988, que classifica a Educação como um direito básico e indispensável para todos os brasileiros, sendo dever do Estado e da família garantir que a criança tenha acesso a esse direito. Neste contexto, a Educação deverá ser promovida e incentivada pela sociedade objetivando o desenvolvimento pessoal do educando (Brasil, 2022).

O direito ao ensino também está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado pela Lei nº 8.069, de 1990. Esta lei que dispõe sobre a proteção da criança e do adolescente, ao citar os direitos que este grupo possui, traz no capítulo IV em seu artigo 53, que a criança tem direito a uma educação que garanta o pleno desenvolvimento pessoal, que a prepare para o convívio social e a prepare para o mercado de trabalho. Neste artigo, além de outros, estão previstos os direitos da criança em ter acesso a condições igualitárias de acesso e permanência no sistema de ensino, e no artigo 54 é citado que o Estado tem o dever de ofertar esse ensino para toda a Educação Básica, sendo também dever de ele ofertar o atendimento em creche e pré-escola para crianças de 00 (zero) a 05 (cinco) anos (Brasil, 1990).

O ano de 1990 foi um ano muito importante para o avanço da Educação em nosso país, tendo em vista que nele também houve a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, que em seus artigos 29 e 30 preveem que os Estados Partes reconheçam o direito de todas as crianças à educação, de modo que dentre outras ações, o ensino primário passou a ser obrigatório e gratuito, que os demais níveis de ensino fossem acessíveis à todos e assegurar que o ensino fosse de qualidade e digno de acordo com o previsto na Convenção (Nações Unidas, 1990).

Em 1996 foi promulgada a Lei 9.394/1996, que foi criada com o objetivo de estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, lei esta que é conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Esta lei nos apresenta diferentes normas ou diretrizes para o funcionamento do ensino básico no Brasil, desde a Educação

Infantil (EI) até o ensino superior (Brasil, 1996).

No seu artigo 4 do Título III – Do Direito à Educação e do Dever de Educar, fica explícito que passa a ser obrigação do Estado ofertar a Educação básica de forma gratuita, sendo esta obrigatória, contemplando alunos dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade. As crianças participantes desse estudo estão inseridas no segmento da Educação Básica denominado de EI, por possuírem 5 (cinco) anos de idade (Brasil, 1996).

No artigo 22, a LDB define a Educação Básica como sendo a responsável por desenvolver o educando através da oferta de uma formação comum e indispensável, com a finalidade de formar um cidadão pronto para o trabalho, para estudos posteriores e com senso de cidadania (Brasil, 1996).

Já ao analisar o Artigo 26, vemos que deve haver uma base curricular comum nacional para todos os níveis de ensino da Educação Básica e que pode ser complementada pelos sistemas de ensino conforme as suas demandas regionais e locais da sociedade, além das demandas culturais e econômicas dos alunos. No inciso terceiro (§ 3º) deste parágrafo, temos a redação que dispõe sobre a obrigatoriedade da Educação Física (EF) como componente curricular da Educação Básica, mostrando a importância deste campo de conhecimento para o desenvolvimento integral desse educando (Brasil, 1996).

Já a EI é regulamentada pelos artigos 29, 30 e 31 desta lei, e tem a finalidade de contribuir para o desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social da criança de até 05 (cinco) anos de idade, de tal modo que este ensino atue junto com a família e a sociedade na busca da formação do cidadão. As crianças objeto deste estudo se enquadram na divisão do EI denominada de pré-escola com crianças de 04 (quatro) e 05 (cinco) anos de idade (Brasil, 1996).

Em 1998, dois anos após o lançamento da LDB nos foi apresentado o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI). Este documento teve como objetivo orientar os professores em relação às práticas pedagógicas visando contribuir para o desenvolvimento da educação infantil em apoio aos sistemas de ensino, através de um olhar mais atento para as habilidades emocionais, sociais e cognitivas (Brasil, 1998).

No RCNEI, a criança é citada como um sujeito social e histórico, que durante o

processo de aprendizagem faz uso de diferentes linguagens e utiliza as brincadeiras para expressar as suas condições de vida, os seus sentimentos e nas relações interpessoais, elas se esforçam em compreender o ambiente em que vivem (Brasil, 1998).

Outro marco importante na História da EI no Brasil se deu por meio da resolução nº 5 de dezembro de 2009 que surgiu com o objetivo de estabelecer as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que traz como eixos norteadores as interações e a brincadeira com a intenção de garantir experiências que garantam à criança o autoconhecimento, aprimoramento das linguagens, aumento da autoconfiança, entre outras habilidades (Brasil, 2009).

Em 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define a progressão das aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas pela criança ao longo de sua vida escolar. Ainda dialogando com as DCNEI's e considerando-se os eixos estruturantes e as competências gerais da Educação Básica propostas neste documento, surgiram os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos para o EI que buscam garantir a formação de crianças ativas nos ambientes em que vivem e interagem (Brasil, 2017).

Assim, na BNCC fica definido que a criança tem direito a aprender e se desenvolver no EI através da vivência de experiências que lhe garantam a contemplação destes seis direitos, sendo que a criança tem o direito de conviver, de brincar, de praticar, de explorar, de se expressar e de conhecer-se. Para tal, é necessário que haja uma intencionalidade pedagógica em cada aula, sendo que a criança passa a ser um sujeito ativo nesse processo de aprendizagem, deixando de ser meramente uma criança que aprende copiando as ações do adulto (Brasil, 2017).

Os direitos de aprendizagem e desenvolvimento no EI são dispostos na BNCC como o direito de conviver com adultos e outras crianças através da utilização de diferentes linguagens e respeitando as diferentes culturas encontradas no ambiente escolar (Brasil, 2017).

O brincar também é um direito previsto na BNCC, que deve estar presente de diversas formas no cotidiano com o objetivo de ampliar o acesso a produções culturais, o desenvolvimento da imaginação, das emoções, sensoriais e motoras.

Assim outro direito trazido pela BNCC é o direito de participar ativamente das atividades da vida cotidiana e das propostas pelo professor com o objetivo de potencializar o protagonismo das crianças (Brasil, 2017).

Explorar, expressar e conhecer-se são os demais direitos de aprendizagem previstos no documento, como um sujeito dialógico a criança deve ter a oportunidade de expor os seus sentimentos, as suas opiniões e as suas necessidades, através da exploração de movimentos, gestos, palavras, emoções, entre outros. Sendo assim capaz de construir a sua identidade pessoal através da ideia de uma imagem positiva de si (Brasil, 2017).

Para que esse desenvolvimento da criança seja atingido e lhe sejam garantidos os seus direitos de aprendizagem, o documento organiza o currículo em 05 (cinco) Campos de Experiências que definem os objetivos básicos de desenvolvimento e aprendizagem previstos para a EI. Deste modo, nos foram apresentados estes Campos de Experiências denominados de: “O eu, o outro e o nós”, “Corpo, gestos e movimentos” (Campo que a EF mais diretamente possui afinidade, embora ela tenha condições de contemplar todos os demais campos), “Traços, sons, Cores e formas”, “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. O documento traz ainda um vasto detalhamento dos Campos de Experiências e os seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (Brasil, 2017).

“O eu, o outro e o nós” é o primeiro Campo de Experiência citado na BNCC e tem como premissa que é na interação com os pares e com os adultos que ocorre, por parte da criança, a construção do seu modo de agir, pensar e sentir. Dentro do EI, as crianças devem ter a oportunidade de interagir com outros grupos sociais e culturais experimentando situações que possam lhe fornecer subsídios para ampliar o modo de perceber a si mesma e ao outro, construindo valores como respeito às diferenças e as identidades (Brasil, 2017).

Dentre os Campos de Experiências, o que mais chama a atenção dos profissionais em EF é o campo “Corpo, gestos e movimentos”, neste campo o corpo é trazido como o principal meio de exploração utilizado pelas crianças, pois elas exploram o mundo, os objetos ao seu redor, brincam, se expressam e são capazes de se autoconhecer. Este Campo de Experiência pode utilizar diferentes linguagens, tais como a dança, a música e as brincadeiras de faz de conta, e a escola deve

promover situações ricas em interações com os pares, de amplo repertório de movimentos, gestos e sons com o corpo para que a criança possa utilizar o corpo para ocupar e utilizar o espaço (Brasil, 2017).

A BNCC traz a ideia de que a EI precisa promover o desenvolvimento do senso estético e crítico através da oportunidade de a criança participar de tempos e espaços para a produção artística por meio de experiências de diversas formas de expressão, desde a utilização de linguagens até à utilização das artes visuais, esta ideia está prevista no campo “traços, sons, cores e formas” (Brasil, 2017).

O quarto Campo de Experiências previsto na BNCC é o campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, o documento afirma que a criança participa de situações de comunicação desde o nascimento, através de olhares, sorrisos e choros. No EI é importante promover experiências que possibilitem às crianças a oportunidade de falar e ouvir, com o objetivo de dar condições para que as crianças possam se constituir como sujeito pertencente a um grupo social (Brasil, 2017).

Por fim, o Campo de Experiências “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” afirma que as crianças vivem em espaços e tempos de diferentes dimensões, e buscam se situar nos espaços (rua, cidade, casa) e tempos (hoje, dia, noite) e que o EI deve promover experiências capazes de sanar as suas curiosidades sobre estes espaços, através da manipulação de objetos, da exploração do ambiente ampliando assim os conhecimentos sobre o mundo físico e cultural, para o uso no cotidiano (Brasil, 2017).

Após entendermos um pouco sobre os aspectos legais da Educação no Brasil através da análise das leis que regulamentam este segmento e nos apresentam as diretrizes nacionais de ensino para todas as esferas da Educação Básica, em especial o EI, e entendermos um pouco como são os Campos de Experiências previstos na BNCC, vamos agora tentar explanar sobre como a EF é trabalhada no EI.

### **3.2 A educação física na Educação Infantil.**

Embora o ensino da EF na EI esteja previsto em leis por este campo de conhecimento ser um componente obrigatório da Educação Básica, ainda é muito comum encontrar cidades nas quais não existe a oferta desta disciplina com as aulas

sendo ministradas por professores “especialistas” com formação Educação Física; sendo que nestes casos este campo de conhecimento fica por responsabilidade de professores “titulares” da turma, também conhecido como professor “polivalente”.

Contudo, a EF é um componente curricular fundamental para a criança em idade pré-escolar, tendo em vista que através da realização destas aulas as crianças experimentam diversas situações capazes de auxiliar amplamente em seu desenvolvimento.

Ayoub (2005), afirma que a presença de professores especialistas no contexto da EI é um tema bastante polêmico, gerador de inúmeras discussões com argumentos pró e contra a presença destes especialistas. Ela afirma ao citar Bracht (1999) que os principais argumentos a favor da presença dos especialistas são baseados na formação precária das professoras polivalentes, que muitas vezes não tinham contato com o tema “Educação Física” na graduação ou quando tinham este tema era tratado como a “hora do parque”.

Neste sentido Ayoub (2001), afirma também que embora a EF tenha avançado bastante com a sua inserção no EI a construção de um ensino de qualidade da qual a EF almeja fazer parte, é necessário que haja o engajamento de diferentes fatores influentes sobre a Educação, como os aspectos políticos e governamentais.

Ayoub (2001), complementa dizendo que a EF no ensino infantil é um espaço disponível para a criança em que ela pode brincar, se movimentar, desenvolver diversas linguagens e ter contato com as experiências ofertadas pela vivência de jogos, brincadeiras, danças, ginásticas e outras atividades lúdicas.

Para tal, a construção da relação da criança com os seus pares e os adultos com quem elas convivem no ambiente escolar é fundamental para atingir os objetivos educacionais a serem atingidos, mas é fundamental que seja os professores de EF que atuam nesse nível de ensino não podem se limitar a “[...] meros “aplicadores de joguinhos” Ayoub (2001). Para finalizar as suas reflexões, ela se refere à deficiência na formação de professores atuantes no EI como responsável pela postura e ações equivocadas dos professores em sua prática pedagógica, mas exalta também a nossa importância afirmando que podemos colaborar com o desenvolvimento e a aprendizagem da criança em conjunto aos demais profissionais de ensino da escola.

Cavalaro (2009) realizou um trabalho bibliográfico com o objetivo de verificar a inserção do professor especialista em Educação Física na EI, além de buscar compreender a sua relevância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança desta faixa etária.

Neste trabalho, Cavalaro (2009) constatou que o tema “movimento” deve ser abordado multidisciplinarmente, tanto pelo professor de Educação Física quanto pela professora polivalente. Cavalaro, também alerta para a falta de conhecimento sobre o tema e a falta de preparo para superar as dificuldades encontradas no ambiente da pré-escola, principalmente em função do espaço destinado às aulas de EF, e a presença deste profissional na escola só se justificaria se a sua prática pedagógica estivesse de acordo com o previsto no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Neste sentido a autora concorda com Sayão (2012), pois esta afirma que cabe à EF estar presente ativamente no PPP da escola, utilizando de metodologias de ensino que tenham o jogo como meio, com ênfase na interação, nas brincadeiras, na dança e entre outros.

Para Sayão (2002), também é necessário haver uma articulação entre as diferentes áreas de conhecimento, para a construção de uma cultura por parte da criança, de modo que esta construção não fique restrita apenas a uma disciplina e nesse contexto o professor de EF também é um adulto que interage com a criança e auxilia em seu desenvolvimento e na sua aprendizagem.

Sayão (1996), em sua dissertação de mestrado corrobora com o argumento de que a formação de professores de EF não estava em consonância com as demandas exigidas pela EI, e que a inclusão desta disciplina abriu um vasto campo de trabalho, mas em função de a sua presença no currículo da pré-escola ser recente, os estudos relacionados a essa área ainda se apresentavam escassos, reforçando a dicotomia presente da relação entre a “professora especialista” e a “professora polivalente”.

Além do mais, a EF é compreendida como uma prática pedagógica que, independentemente do nível de ensino, deve ser capaz de promover o desenvolvimento da criança através do uso das suas unidades temáticas. Esse pensamento vai no sentido oposto da formação mais “esportivista” que por muito tempo orientou a atuação docente da disciplina de Educação Física (Sayão, 1996).

Sayão (1996), em sua dissertação também nos apresenta a importância da presença de um professor especialista de EF na EI, pois somos capazes de contemplar o desenvolvimento de diferentes habilidades, em especial as motoras. Neste contexto da recém inserção da EF na EI, a recreação, a psicomotricidade e o desenvolvimento motor eram os eixos utilizados na época do estudo, tendo em vista que esse movimento ainda era algo bem recente e ainda carecia de novos estudos.

Capacidades como a coordenação, o equilíbrio, a lateralidade são objetos facilmente trabalhados pelo professor especialista, mas não são para as professoras da sala, tendo em vista que elas também não recebiam uma formação aprofundada sobre o tema movimento, corroborando com a ideia de EF como momento de parque (Sayão, 1996).

Existem muitos desafios para a inserção da EF na EI que já foram constatados ao longo dos anos, alguns obstáculos já foram superados como a relação entre o professor especialista e o professor polivalente, ao menos esta é a realidade atual da Rede de Ensino do Município de Ribeirão Preto, na qual a EF consta no currículo da EI e cada vez mais os professores estão se apropriando dos saberes fundamentais para a prática docente com crianças de idade pré-escolar. Entretanto, ainda existe a dificuldade de se relacionar as demais unidades temáticas da EF com o EI, mesmo que de maneira fragmentada.

A Educação Física em sua concepção é capaz de trabalhar todos os Campos de Experiências previstos na BNCC, deste modo o professor não deve se ater apenas ao campo denominado “Corpo, gestos e movimentos”. Os profissionais do EI devem atuar de modo que contemplem os aspectos físicos, sociais, cognitivos e afetivos da criança, buscando um desenvolvimento integral do aluno (Ribeirão Preto, 2022).

A EF trabalha a cultura corporal do movimento que, entre outras, abrange as danças, os jogos e brincadeiras, as ginásticas e os esportes. Na EI, é indicado que se utilizem algumas destas temáticas, utilizando o jogo, as brincadeiras, a dança e a ginástica, como meios de alcançar os objetivos previstos para este público, por serem inerentes ao universo infantil e maior afinidade com o lúdico (Ribeirão Preto, 2022).

As aulas devem ter como prioridade a utilização de atividades narradas ou

historiadas, de jogos ou brincadeiras populares, as danças circulares e de brincadeiras cantadas. Através da experimentação destas atividades a criança se beneficia com a melhora das suas habilidades e suas competências se preparando para o convívio em sociedade (Ribeirão Preto, 2018).

O Referencial Municipal de Ribeirão Preto afirma que o uso de jogos cooperativos e as diversas brincadeiras são capazes de trabalhar a atenção, a noção espacial, a coordenação motora e outras mais habilidades (Ribeirão Preto, 2018).

Diante do exposto fica evidente a importância da presença da EF na EI em função da sua capacidade de auxiliar ativamente em várias vertentes do desenvolvimento da criança através da utilização de atividades lúdicas, do jogo e brincadeira, das danças e de tantos outros instrumentos de ensino.

Entretanto, no meu entendimento, se nós professores de EF estivermos preocupados com a formação integral da criança, devemos ser sujeitos motivadores para as crianças, através da utilização de atividades com intencionalidade e a EF como uma disciplina fundamental para a infância, deve ser capaz de formar professores capacitados para atuar com as crianças menores.

Simão (2005) caminha neste sentido ao afirmar que já na época buscava-se a apropriação de uma prática pedagógica que:

[...] contribua para ampliação das linguagens, das interações e da leitura de mundo por parte das crianças, haja vista as dificuldades encontradas pelos/as profissionais que tem a sua formação fortemente influenciada pelo modelo do esporte de rendimento. (Simão, 2005 p. 168).

Também nos é apresentado por Simão (2005), a ideia de a EF deve se desvincular da pedagogia com o viés “escolarizante” através da apropriação da Cultura Corporal de Movimento e ela deve ser comprometida em atender as necessidades da criança, fornecendo a ela condições de experimentar momentos de protagonismo na hora de se movimentar ampliar o seu repertório cultural, e para a EI, isso só seria possível através da brincadeira.

#### **4. OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS COMO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.**

A criança, como a principal figura da EI, é um vasto mar a ser desbravado e capaz de nos presentear com inúmeras situações que nos colocam à prova e nos ajudam a aprimorar cada vez mais os nossos conhecimentos. E é por meio dos jogos e das brincadeiras que elas se expressam, se movimentam, aprendem e são essencialmente crianças. Mas afinal, o que são os jogos e as brincadeiras? Quais são os benefícios de utilizarmos eles como práticas pedagógicas? Neste capítulo iremos abordar as principais referências sobre as brincadeiras e os jogos.

##### **4.1 Vamos Brincar?**

No universo infantil, pude observar com bastante frequência crianças correndo, saltando, manipulando objetos, observando pequenos bichos, olhando para o céu, observando as nuvens e, entre outras, brincando de faz de conta. São inúmeras as possibilidades que uma criança possui para brincar. É por meio desse brincar que ela se apodera de informações sobre o ambiente, sobre o seu corpo e sobre os seus pares e assim contribui para a aprendizagem e o aprimoramento de novas habilidades.

Neste sentido, entendo que os jogos e as brincadeiras são um instrumento de suma importância para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, tendo em vista que, segundo diversos autores (Moyles 2012; Kishimoto 2017; Guerra 2009), elas estimulam a aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos tornando a aprendizagem um processo natural para os indivíduos desta faixa etária.

Para Moyles (2012), o brincar é um fenômeno reconhecível com um significado para os seus participantes, reconhecendo que tanto os humanos quanto os animais brincam, citando exemplos que uma menina brincando em frente à um espelho, um homem desenhando ludicamente em um papel e um cachorro brincando com um pedaço de osso.

Ainda segundo a Moyles (2012), com mais de um século de pesquisas surgiram inúmeras ideias especulativas sobre o motivo de ocorrer o brincar e não há um consenso definitivo sobre o que ele realmente é, além disso, ela complementa o raciocínio argumentando que a pesquisa sobre o brincar ficou presa nas definições

do brincar como base para apoiar ideias posteriores e não se mostrou capaz de estabelecer, de forma satisfatória, o que significa brincar, o que seria um fato aceitável para os adultos:

[...] analisando de modo efetivo e cuidadoso suas próprias ideias sobre o brincar e o papel e status que atribuem a ele. Mais importante, elas precisam investigar e estabelecer de forma satisfatória o que significa brincar. Só fazendo isso é que os adultos serão capazes de oferecer aquilo que consideram aceitável: é um “fato” reconhecido na educação que o ensino e a aprendizagem bem-sucedidos de qualquer coisa dependem muito de o professor estar convencido dos méritos de uma determinada filosofia, método ou estilo. (Moyles, 2012).

Moyles (2012), também afirma que o brincar garante a estimulação do cérebro e do corpo da criança, mantendo – os sempre ativos, de forma que esse fenômeno a mantém motivada e a desafia a buscar o domínio do que lhe é familiar e responder ao desconhecido, obtendo informações, conhecimentos e habilidades.

Guerra (2009), apud Brougère (2001, p. 98), afirma que o brincar implica na aprendizagem social e que a brincadeira é um processo de relações interindividuais, sendo assim um comportamento cultural e que através da brincadeira a criança aprende a compreender e dominar os seus comportamentos em relação aos elementos de seu ambiente criando diferentes situações específicas de acordo com as suas experiências.

Cória-Sabini e Lucena (2019), corroboram com este pensamento ao reforçarem que com o passar do tempo as crianças começam a agir com mais independência em relação ao que ela vê, passando a ter os seus comportamentos guiados pela percepção imediata dos objetos juntamente com o significado que ela atribui a essa situação, como o fato de uma criança imitar uma situação real ao brincar de casinha e agir igual a sua mãe nos afazeres de casa, sem deixar o imaginário de lado.

O RCNEI nos apresenta o brincar como uma linguagem infantil pela qual a criança é capaz de dominar a linguagem simbólica diferenciando o contexto da

brincadeira do contexto da realidade imediata, apropriando-se de elementos desta realidade imediata atribuindo-lhes novos significado, sendo assim a brincadeira uma imitação transformada em ações e ideias de uma realidade previamente vivenciada (Brasil, 1998).

Ainda de acordo com o RCNEI, através da brincadeira, a criança ao assumir diferentes papéis, é capaz de transformar os conhecimentos fragmentados que já possuíam anteriormente através da imitação de alguém ou algo conhecido, [tanto no ambiente familiar quanto em outros locais], criando vínculos entre as características do papel assumido e as relações que possuem com outros papéis, podendo assim, generalizar para outras situações (Brasil, 1998).

O RCNEI traz as brincadeiras e os jogos como ferramentas capazes de ampliar os conhecimentos infantis através do lúdico, entretanto, cabe ao professor ajudar a estruturar o campo das brincadeiras na vida da criança, promovendo condições para que ela realize as brincadeiras oferecendo materiais, delimitando o espaço e o tempo de duração da brincadeira. É através destas brincadeiras que ela poderá escolher os papéis que irá desempenhar, os pares com quem vai brincar, e as regras que irá utilizar, podendo assim elaborar de forma pessoal os sentimentos, suas emoções e se apoderar de regras para o convívio social (Brasil, 1998).

Por meio das brincadeiras, os professores podem observar o processo de desenvolvimento da criança no coletivo ou individualmente, realizando situações orientadas através de suas experiências como adultos com o objetivo de promover a apropriação, por parte da criança, de conceitos, códigos sociais, linguagens e habilidades motoras, entre outras.

Para Silva (2017), o brincar é um ato de diversão que apresenta uma ampla dimensão simbólica e regras simples, o tornando capaz de potencializar o desenvolvimento integral da criança, pois por meio do brincar ela assimila valores, comportamentos e aprimora habilidades motoras através do movimento. Neste cenário, os jogos e as brincadeiras são inerentes ao mundo mágico infantil tornando-se fundamentais para que a criança se auto descubra e vivencie diversas situações corriqueiras ajudando na percepção de seus limites e suas possibilidades, através da exploração do seu ambiente.

Cória-Sabini e Lucena (2019), alerta para o fato de os profissionais que estão

envolvidos no processo de ensino-aprendizagem das crianças pré-escolares se preocuparem em priorizar as habilidades que são requisitos para a alfabetização, sendo que os jogos e as brincadeiras não são utilizados como um aliado da aprendizagem.

Em contrapartida a esta problemática apresentada Cória e Sabini (2019), afirmam que o trabalho com os jogos e as brincadeiras pode ser um caminho a ser trilhado em busca do conhecimento por parte da criança na pré-escola, de modo que os jogos simbólicos, os jogos regrados e as demais atividades lúdicas possam se tornar um instrumento para a construção do pensamento, auxiliando no desenvolvimento de diversas habilidades, desde as habilidades motoras quanto as cognitivas, justificando a sua explanação através do detalhamento de diferentes definições do fenômeno brincar sob a ótica de diferentes autores.

Por fim, Cória e Sabini (2019), finalizam o raciocínio afirmando que:

“Em conclusão, apesar das várias recomendações para que se utilizem brincadeiras, jogos e situações lúdicas para favorecer as aprendizagens na pré-escola, o uso didático dessas estratégias ainda não se disseminou entre os professores e continua sendo limitado a situações de recreio, por iniciativa das próprias crianças.” (Cória-Sabini e Lucena 2019, p. 51).

Assim, nos torna perceptível que, ainda hoje na EI, as professoras “polivalentes” optam por atividades menos lúdicas e mais voltadas para a alfabetização, de forma que as crianças só têm a oportunidade de experimentar o brincar em determinados momentos, como a ida ao parque de areia e as aulas de Educação Física, por exemplo. Mesmo este sendo um importante aliado para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Rau (2022), elege os jogos e as brincadeiras como elementos que podem ser utilizados no processo de ensino aprendizagem, e tendo em vista que nas aulas de EF o brincar é uma forma de ensino muito utilizada, através de nossas aulas somos capazes de utilizar as brincadeiras para auxiliar a criança a alcançar a superação de desafios, e nas brincadeiras há o compartilhamento de experiências, tanto entre a criança e os seus pares, quanto entre a criança e os seus professores.

O brincar faz parte da existência infantil e através dele a criança consegue lidar com a realidade e ampliar o seu vasto repertório, sem necessariamente depender da interferência de um adulto. E a escola é vista como um dos poucos lugares em que a criança tem acesso às brincadeiras, entretanto, por vezes o direcionamento das atividades escolares para a alfabetização ou com um caráter mais intencional acaba suprimindo o sentido lúdico das brincadeiras, sendo assim é fundamental que o professor saiba mediar esta relação entre o pedagógico e o lúdico (Loro, 2008).

Segundo Wittizorecki, Damico e Schaff (2012), o brincar é uma ferramenta competente capaz de apresentar vias para o desenvolvimento da formação integral da criança, estimulando a cognição, afetividade e a motricidade, desde que a escola seja capaz de enxergar a criança em sua totalidade promovendo ricas vivências que potencialize as suas habilidades através de um ambiente acolhedor.

Wittizorecki, Damico e Schaff (2012), também salienta que a brincadeira contribui amplamente para a aprendizagem, para o desenvolvimento motor e cognitivo da criança, pois a brincadeira como atividade principal favorece melhoras nos planos motores, sociais e afetivos. Ela também é capaz de favorecer a criatividade, a socialização, a resolução de problemas e o desenvolvimento da linguagem.

As brincadeiras são amplamente utilizadas na EI como instrumento de aprendizagem da criança, e com o início de transição entre as brincadeiras simbólicas e focadas no divertimento [brincadeiras que antecedem o jogo], para as brincadeiras organizadas e convencionais a criança passa a dispor de mais uma possibilidade de se desenvolver. Desta forma a brincadeira passa de uma necessidade da criança para uma possibilidade da criança, que através do uso das brincadeiras regradas passa a poder aproveitar mais o espaço em que vive, tem a sua criatividade estimulada e ajuda na convivência com as outras crianças através da troca de ideias (Goulart, 2019),

Ruggeri (2015), cita as brincadeiras como uma das instâncias que compõem o que ele denomina de elemento lúdico, ao lado dos jogos e dos brinquedos, a brincadeira proporciona à criança contato com situações educativas e pedagógicas diversas, tornando o desenvolvimento e a aprendizagem mais diversos.

Diferentemente do jogo, na brincadeira a criança tem mais liberdade de atuação em função de não haver regras prévias, pelo contrário, as regras vão sendo estabelecidas de acordo com o desenvolver da brincadeira.

Deste modo, a brincadeira se diferencia do jogo por sua associação à ação livre e espontânea da criança, ela otimiza a imaginação e fornece autonomia para que ela se expresse, experimente emoções e se auto descubra. Ruggeri (2015), entende que ela está mais ligada ao sentido de uma ação sem compromisso pois as suas regras são criadas assim que a brincadeira começa.

## **4.2 O jogo e as suas definições**

O jogo é um fenômeno de grande destaque no universo da Educação Física - EF, seja no contexto escolar ou no contexto do Lazer. Na escola, o jogo faz parte da ampla gama de unidades temáticas da EF tendo grande foco no ensino infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Embora seja muito utilizado, o jogo muitas vezes pode ser confundido com os esportes e até mesmo com as brincadeiras.

Huizinga (2019), na obra *Homo Ludens*, afirma que é através do jogo que uma civilização surge e se desenvolve, de tal modo que a sua intenção foi determinar até que ponto a cultura tem caráter lúdico e integrar o conceito de jogo dentro do conceito de cultura, sendo assim, o jogo é um fenômeno cultural e não biológico.

Seguindo este pensamento, Huizinga afirma que o jogo é mais antigo que a cultura e não se limita a um fenômeno fisiológico, mas sim um fenômeno que ultrapassa os limites das ditas atividades físicas ou biológicas, tendo ele um objetivo que infere sentidos a ação praticada (Huizinga, 2019).

Ainda em relação às definições do jogo, ele faz um comparativo entre diferentes teses sobre as suas definições e chega no consenso de que a grande maioria dos estudiosos do tema se preocupavam apenas em saber o que o jogo é em si mesmo e o seu significado para os jogadores. Mas ao analisar a palavra “divertimento” em diferentes línguas, ele chega à conclusão de que o jogo deve ser visto como uma “totalidade” que deve ser compreendida e analisada, levando em consideração todos os seus contextos. (Huizinga, 2019).

Seguindo para uma definição mais objetiva de Huizinga (2019), o jogo é uma atividade puramente voluntária, e se for sujeito a ordens o indivíduo passa a ser forçado a imitar uma ação ou a desenvolver um papel. Assim, a liberdade do jogo em seu sentido mais lato afasta o jogo de um viés natural, entretanto, para a criança essa liberdade não existe em função dela ser direcionada ao jogo pelo seu instinto ou pela necessidade de aprimorar as suas capacidades físicas, além de facilitar o convívio social dos praticantes, tendo em vista que:

“Resumindo as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como “não séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes.” (Huizinga, 2019).

Por ser livre, a qualquer momento é possível finalizar o jogo e ele nunca carrega traço de tarefa ou de obrigação, sendo praticado sempre em momentos de lazer. Assim, Huizinga vê o jogo como uma atividade livre e que não pode ser vista como “vida real”, pois até mesmo a criança sabe distinguir quando ela brinca de faz de conta ou não.

Kishimoto et al (2017), nos trazem uma ideia de o jogo como um fato social, que assume uma imagem/sentido de acordo com cada sociedade, podendo ter significações distintas em cada contexto e que para compreender o jogo nós devemos compreender três aspectos inerentes a ele e o primeiro é entender que o jogo tem um sentido dentro deste contexto, segundo o coletivo:

“[...] Se o arco e a flecha hoje aparecem como brinquedos, em certas culturas indígenas representam instrumentos para arte da caça e da pesca. Em tempos passados, o jogo era visto como inútil, como coisa

não séria. Já nos tempos do Romantismo, o jogo aparece como algo sério e destinado a educar a criança.” (Kishimoto et al, 2017).

O segundo aspecto citado é a presença de um sistema de regras, que permite identificar a sua estrutura que são capazes de nos fornecerem informações que nos permite diferenciar cada jogo e realizar a integração da realização do jogo com a situação lúdica, mesmo seguindo estas regras (Kishimoto et al., 2017).

Já o terceiro sentido é abordado como o jogo sendo um objeto, objeto este que prevê que o jogo seja materializado em diferentes objetos, como um tabuleiro de xadrez e suas peças, por exemplo. Entretanto, dentro de um contexto, estes objetos são utilizados de acordo com as regras previstas, diferentemente do brinquedo em si que mantém uma relação mais íntima com a criança e pode ser utilizado pela criança sem que haja um sistema de regras (Kishimoto et al., 2017).

Wittizorecki (2012), afirma que: “Há uma certa confusão ou ambivalência no âmbito da língua portuguesa em relação aos termos jogo, brincadeira, brinquedo e brincar.” Assim ele se refere ao jogo como uma ação em que os sujeitos vivenciam uma situação lúdica e desafiadora, que apresenta uma estrutura com regras, papéis, espaço e tempo. Além destes elementos, o autor também cita que ele está ligado à noção de brinquedo uma vez que ele é ligado à infância desvinculado do mundo adulto.

Caillois (2017), afirma que todo jogo é um sistema de regras que definem o que é ou não um jogo e que a palavra “jogo” se refere a uma ideia ampla, que disponibiliza ao seu praticante a facilidade de movimento e uma liberdade útil, e concorda com Huizinga ao afirmar que ele pode ser definido como “uma atividade livre e voluntária’ e que se fossemos obrigados a participar ele se tornaria um fardo.

Devido a esta característica que o jogo é livre, pois ele só acontece se todos quiserem jogar e termina quando decidem parar. Assim, Caillois (2017), afirma que o jogo é isolado do resto da existência realizado dentro de um tempo e lugar em conformidade com as suas regras.

O jogo pode ser definido essencialmente como uma atividade livre, sem a obrigação de participar ou com a possibilidade de parar quando quiser; pode ser uma atividade separada, pois ocorre dentro de um lugar e tempo; também pode ser definido como uma atividade incerta e improdutiva, tendo em vista que o jogador tem

liberdade para inventar gestos e mediar as suas ações, mas não é capaz de gerar bens e riquezas. Ainda para Caillois (2017), o jogo também pode ser definido como uma atividade regrada sendo submetida às convenções que possuem o “poder” de modificar ou suspender as regras; e pode também, ser definida como uma atividade fictícia, pois o jogo propõe uma realidade diferente do cotidiano.

Caillois (2017), ainda propõe a divisão dos jogos em quatro grandes rubricas, sendo a primeira denominada de “agôn” que abrange a categoria de jogos competitivos com uma “rivalidade” exercida dentro de limites definidos, em igualdade de oportunidades e sem interferência externa.

A segunda rubrica citada é denominada de “Alea”, vista como jogo de dados. O autor utiliza este termo para se referir a todos os jogos que não dependem das decisões tomadas pelos praticantes. Nesta gama de jogos, a vitória do jogador depende do que ele denomina de “destino”, são o que nós podemos chamar de “jogos de azar” como a roleta e o jogo de cara e coroa, sendo assim, na rubrica “Alea” o jogador é majoritariamente passivo e fica à mercê do destino. O agôn é a reivindicação da responsabilidade pelo jogador e a alea é a passividade dele, mas ambos dispõem de condições iguais no início do jogo (Caillois, 2017).

A terceira rubrica é denominada de “mimicry” que traduz a ideia de que todo jogo supõe uma aceitação temporária de um universo fechado e fictício, na qual o jogador se torna um personagem fictício, tendo assim a mímica e o disfarce como complementos dessa classe de jogos. O autor afirma que a conduta desse grupo perpassa a infância e imita a vida adulta, representadas pelas brincadeiras em que as crianças brincam de mamão, de médica entre outros (Huizinga, 2019).

A quarta definição é apresentada pelo autor na definição de “lilix” é composta pelos jogos que “[...] se baseiam na busca da vertigem e que consistem em uma tentativa de destruir por um instante a estabilidade da percepção e de infligir à consciência lúcida uma espécie de pânico voluptuoso.” Caillois (2017), nesta gama de brincadeiras podemos observar movimentos como a acrobacia, rolamentos, aceleração. Estes jogos, ainda segundo o autor, traduzem formas grosseiras de afirmação da personalidade, sendo que nas crianças isso é constatado em jogos/brincadeiras como o corre-cotia e pula sela.

### **4.3 Jogos e brincadeiras como um instrumento de aprendizagem**

Os jogos e as brincadeiras podem ser utilizados como recursos educacionais devido à sua capacidade de tornar os conteúdos abordados mais compreensíveis e significativos para as crianças, sendo capazes trabalhar as linguagens e as demais habilidades (Ruggeri, 2015).

Por meio dos jogos nós, professores, podemos observar momentos espontâneos e para isso devemos ter um bom conhecimento sobre este recurso educacional com o objetivo de propor atividades que engajem os participantes de modo que atendamos os seus interesses e as suas necessidades, sem fugir dos objetivos propostos ao escolher por determinados jogos ou brincadeiras. Ruggeri (2015), nos orienta dizendo que devemos sempre nos atentar às transformações da criança em seu mundo infantil, e ter domínio das ferramentas utilizadas dentro de uma base teórica.

Para Maffei (2019), as brincadeiras e os jogos presentes no universo infantil são importantes para o desenvolvimento e para a aprendizagem da criança uma vez que ao brincar ela constrói o próprio conhecimento e que uma das qualidades mais atribuídas ao ato de brincar é capacidade dele de despertar na criança a capacidade de resolução de problemas, favorecendo o ganho de autonomia por parte da criança.

Deste modo, o autor complementa que a brincadeira não pode ser vista apenas como uma atividade de passar tempo dentro no ambiente escolar, e sim ser vista como uma maneira de a criança se comunicar em diferentes frentes, externando para o mundo a sua identidade reconhecida através de suas interações (Maffei, 2019).

Rau (2022), afirma que jogando a criança exercita as suas capacidades cognitivas de atenção e raciocínio, o jogo tem um caráter lúdico por ele ser uma experiência que dura o tempo em que a criança realiza uma ação. Ainda segundo a autora, os jogos e as brincadeiras podem contribuir na melhora de índices de socialização, no desenvolvimento da consciência corporal, e em elementos cognitivos como a memória, atenção e raciocínio lógico, além de promover a cooperação entre os pares.

O jogo não é apenas um objeto de entretenimento, mas é também uma

ferramenta pedagógica que estimula a aprendizagem ativa e participativa. Ferramenta esta que deve ser capaz de passar por metamorfoses e se adaptar com o desenvolvimento da sociedade para manter a sua relevância e sua eficácia. Além do mais, os jogos e as brincadeiras são capazes capturar o interesse e a motivação dos alunos, independente da diferença de níveis de habilidades entre os participantes, promovendo a inclusão e o respeito (Brougère, 1998, apud Macedo, 2024).

Para Cória-Sabini e Lucena (2019), utilizar os jogos como instrumento de aprendizagem ajuda a resgatar o prazer de aprender por parte da criança e ela reflete a sua forma de pensar, sentir e como ela se relaciona com a realidade vivida, aprimorando assim as suas habilidades.

Ao brincar a criança é espontânea, sendo ela mesma e é capaz de projetar as suas aptidões, suas angústias, entre outros sentimentos, e o jogo faz com que a criança valorize as atividades cooperativas ao invés de visar a competitividade, devendo este ter um caráter recreativo e auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, como o reconhecimento do sucesso de seus pares, proporciona alegrias, êxitos e frustrações, sendo assim um aliado valioso para o desenvolvimento da criança (Castro, 2014).

Ainda segundo a autora, o jogo pode ser utilizado em qualquer momento da aula, pode ser modificado e adaptado conforme as necessidades da turma e se o jogo for bem proposto e tiver um direcionamento claro, ele vai proporcionar aos praticantes momentos de satisfação, motivação e de socialização. Neste processo, os alunos se tornarão sujeitos ativos durante as aulas, através do incentivo à participação e a tomada de decisões através da criação de variações propostas por eles, tentando assim atingir um desenvolvimento ativo e integrado com melhoras nas habilidades sociais, motoras e cooperativas (Castro, 2014).

A palavra jogo pode ser comumente confundida com a palavra competição, na qual sempre há a divisão entre vencedores e perdedores, no contexto escolar, o jogo é utilizado como uma ferramenta pedagógica se afastando das características da competição, como sinônimo de gracejo, divertimento, brincadeira, entre outros. Sendo assim, no universo infantil, o jogo visa estimular o desenvolvimento da criança (Antunes, 2014).

O autor também afirma que o jogo se diferencia do brinquedo na medida em que ele apresenta intenções lúdicas, é não literal e embora seja prazeroso para quem o pratica, ele é situado dentro de regras que mantêm uma relação interpessoal dentro destas. E sendo ele um instrumento de alegria, essa ferramenta pedagógica é capaz de promover o desenvolvimento da criança (desde que o professor seja ativo neste processo, sem utilizar o jogo pelo jogo), de modo que ela irá aprimorar as suas habilidades se divertindo (Antunes, 2014).

Ainda nesse sentido, o jogo é um recurso didático rico em possibilidades capaz de auxiliar no ensino, no aprimoramento das relações entre os pares e trazer uma sensação de satisfação para os educandos. O jogo é uma ferramenta pedagógica que promove o desenvolvimento cognitivo, social e motor dos praticantes, mas antes de tudo ele é divertido e a criança que joga aprende nesse processo, cabendo ao professor “ensinar-lhes esquemas de relações interpessoais e de convívios éticos.” (Antunes, 2014).

Fica evidente que não basta apenas utilizar o jogo como uma ferramenta pedagógica, para ela ser eficaz o professor deve ser capaz de propor uma intencionalidade para a sua aula, pois:

“[...] e o professor um gerador de situações estimuladoras e eficazes. É nesse contexto que o jogo ganha um espaço como a ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno, que como todo pequeno animal adora jogar e joga sempre principalmente sozinho e desenvolve níveis diferentes de sua experiência pessoal e social. O jogo ajuda-o a construir suas novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem.” (Antunes, 1999.p 37).

Também é fundamental que o jogo seja utilizado pelo professor na hora certa, para que ele tenha validade como um instrumento formador, antes de praticar um jogo, o aluno deve ter atingido níveis de maturidade que o habilite a superar os desafios propostos por ele de acordo com a proposta pedagógica dentro de uma

programação (Antunes, 1999).

O jogo é um fenômeno cultural, biológico e com ênfase no lúdico, desta forma ao permitir que a criança satisfaça as suas necessidades motoras e cognitivas de maneira divertida, ele possibilita um amplo leque de ações que potencializam o desenvolvimento corporal e cognitivo da criança, e cabe ao adulto o papel de orientador e incentivador das atitudes boas dos alunos (Goulart, 2019).

Desta forma, conforme apontado pelos autores, o professor como o adulto desta relação aluno/professor é o responsável por ofertar o jogo adequado para o momento planejado da aula, buscando atender os objetivos previstos para a aula conforme as habilidades previstas nos Campos de Experiências citados no capítulo anterior, quando pensamos na EI.

Para Loro (2023), através da utilização dos jogos para auxiliar no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos educandos, nós professores nos apropriamos de um instrumento de ensino que é capaz de trabalhar inúmeras habilidades das crianças, pois “São inúmeros os objetivos que decorrem do processo de ensino-aprendizagem dos jogos, que podem trabalhar desde o desenvolvimento psicomotor até à qualidade de vida. [...] (Loro, 2023).

Deste modo, de acordo com a afirmação do autor, nós devemos pensar nos jogos e nas brincadeiras em sua pluralidade, não nos atendo apenas proporcionar melhoras nos índices de cooperação, coordenação entre outros, mas devemos também abordar os jogos através de uma concepção sociocultural, ajudando as crianças a entender outros fatores que também influenciam nas dinâmicas destes jogos e destas brincadeiras, como as influências que impactam sobre eles (Loro, 2023).

A criança desenvolve uma melhora nas suas habilidades motoras através do jogo, muito em função de realizar ações que combinam o aprimoramento de habilidades cognitivas como a memorização e a atenção, e de habilidades sociais, como a cooperação e o respeito. O jogo contribui também para o desenvolvimento de outras habilidades de seus praticantes, tais como: a noção espacial, temporal e corporal (Goulart, 2019).

Goulart (2019), argumenta que a Educação Física Escolar - EFE tem como objetivo formar o aluno integralmente através de aulas atrativas e agradáveis, assim

essa ferramenta se destaca como um forte instrumento de ensino primordial para o aprimoramento de suas qualidades intelectuais e que o seu caráter lúdico tem forte relação como o desenvolvimento da criança.

Destarte, com base nos pensamentos de diversos autores (Goulart, 2019; Loro, 2023; Cória-Sabini, 2019; Kishimoto, 2017), observa-se que, no universo infantil, os jogos e as brincadeiras são fundamentais e necessários à prática pedagógica dos docentes que atuam neste segmento. Ademais, estas práticas contribuem para o desenvolvimento integral da criança e que termos como “brincadeira” e “brinquedo” são termos difíceis de se dissociar do conceito de infância, devido à sua estreita relação.

Assim sendo, entendo que este recurso educacional denominado de jogos e brincadeiras é um importante aliado do professor que busca um ensino (principalmente na EI) global e motivador para a criança, buscando sempre auxiliar no desenvolvimento das habilidades previstas nos documentos normativos e das quais a criança possui o direito de experimentar, fluir e transformar através da sua prática.

## 5. O ATLETISMO COMO CONTEÚDO ADAPTADO À INFÂNCIA.

Ao pensar no ambiente escolar da maneira como ele geralmente se configura na EI, observa-se que, muitas vezes, os professores se deparam com a falta de espaços adequados para a realização das aulas, bem como a limitação de materiais didáticos relacionados à EF. Nesse contexto, o Atletismo foi escolhido como o tema desta pesquisa para que pudéssemos observar como os jogos e as brincadeiras podem ser utilizados para abordar outras unidades temáticas da EF. Tal escolha se justifica pelo fato de que, segundo alguns autores (Cardoso, 2018; Rojo, 2021), o Atletismo pode ser trabalhado com relativa facilidade em função de, a princípio, não necessitar de implementos oficiais. Além da facilidade de as crianças compreenderem melhor a lógica interna dos jogos e brincadeiras, da sua prática com menor contato físico entre as crianças, o que contribui para a prevenção de conflitos mais intensos, e devido à capacidade dos jogos e das brincadeiras auxiliarem no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Cardoso (2018), por exemplo, ao analisar diferentes propostas de ensino do Atletismo na escola, afirma que este esporte pode ser desenvolvido com a utilização de materiais alternativos, podendo ser os disponíveis na escola ou criados pelo professor da turma, com o objetivo de não privar os alunos do acesso ao conhecimento pela falta de estrutura ou materiais, buscando o desenvolvimento da aprendizagem e não o aperfeiçoamento técnico.

Gemente (2017) ao propor um curso de formação para professores de uma rede de ensino no estado de Goiás, identificou através de relatos dos professores participantes da pesquisa que as dificuldades encontradas relacionadas à falta de espaços e materiais adequados para o ensino do Atletismo, não eram contornadas pelos professores devido às lacunas encontradas na formação dos professores, que por falta de segurança não se sentiam capazes de confeccionar materiais que auxiliassem na construção de conhecimentos em torno do Atletismo.

Após a realização da intervenção, a autora identificou por meio de relatos dos professores participantes da pesquisa que a confecção dos materiais facilitou a abordagem do Atletismo, contemplando uma gama maior de provas do esporte e tornando o processo mais atrativo para as crianças, reforçando a necessidade da realização de uma formação contínua (Gemente, 2017).

Ao referir-se a possíveis adaptações e mesmo na presença de inúmeras barreiras que tornam a escolha pela abordagem do Atletismo na escola algo inicialmente complicado, a possibilidade de adaptar criativamente os materiais e a otimização do espaço é capaz de tornar o Atletismo uma ferramenta importante no auxílio da construção de um cidadão crítico e reflexivo e possui a capacidade de tornar o Atletismo um instrumento lúdico e atrativo para os estudantes que podem inclusive participar desse processo de construção dos materiais (Rojo, 2021).

O Atletismo é um esporte que demanda a realização de diversos movimentos durante a vivência de suas provas que possibilitam aos seus praticantes o desenvolvimento de habilidades que contribuem para lidar com os desafios do cotidiano, como as corridas, os saltos e os arremessos Matthiessen (2014).

É necessário destacar, no entanto, que além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades que podem ser transferidas para diferentes práticas corporais, o Atletismo configura-se como uma modalidade esportiva própria. Segundo Matthiessen (2014), trata-se de um elemento tradicional da EF que pode ser facilmente ensinada devido à facilidade de fazê-lo em diferentes espaços, atender a públicos variados e possibilitar fácil adaptação de seus implementos.

Fernandes (2003), se refere ao Atletismo destacando a sua importância histórica se dá pelo fato dele ser o precursor dos jogos Olímpicos Modernos, que surgiram em 1896, entretanto, há relatos de que o Atletismo é praticado desde o ano 776 a.C, na Grécia onde o homem partia do princípio de superar os seus movimentos essenciais como a corrida e os saltos.

Embora o Atletismo se configure como uma modalidade esportiva própria no contexto da Educação Física, diferentes autores também destacam seu potencial pedagógico como recurso educacional, capaz de contribuir para diferentes dimensões do desenvolvimento humano.

Fernandes (2003) afirma também que a utilização deste esporte como recurso educacional possibilita ao professor trabalhar todos os temas transversais em função de suas características de superação, respeito às regras, respeito às questões de gênero e a possibilidade da participação de pessoas com deficiência, sendo que neste contexto, todos os participantes podem potencializar as suas habilidades.

Bremm (2019) destaca a importância do Atletismo como a modalidade

esportiva mais antiga praticada pelo homem e que através dela são desenvolvidas as noções básicas de espaço e tempo (através de movimentos como a corrida, os saltos e a caminhada), autoconhecimento e promover a melhora de capacidades físicas e motoras da criança.

Ao se referir à criança, Bremm (2019) também salienta que a sua prática pode auxiliar na disciplina em função de suas regras, na cooperação em função de suas provas de revezamento e na escola, podemos observar através do Atletismo o nível de desenvolvimento em que ela se encontra e, em alguns casos, identificar a presença de problemas motores.

Para Magno (2011), o Atletismo pode também desenvolver as habilidades essenciais para a prática de outras modalidades esportivas e para a criança da EI pode favorecer o seu desenvolvimento através de práticas concretas e lúdicas. Estas práticas, segundo o autor, poderiam ainda facilitar a socialização da criança e o Atletismo nessa faixa de idade deve apresentar condições de explorar as realidades sociais e apresentar uma ampla gama de movimentos, contribuindo para a formação pessoal e melhorias nos níveis de raciocínio, força, flexibilidade, entre outros.

Na EI, como já visto anteriormente, a criança aprende através de atividades lúdicas, seja por meio do uso das brincadeiras, dos jogos ou de outros elementos presentes no universo infantil. Pensando em aproximar as crianças do Atletismo, a *World Athletics* criou o programa denominado “Mini Atletismo” com o foco em despertar o seu interesse para a prática do Atletismo (Cbat, 2014).

Deste modo, em 2005, a entidade criou o conceito de “Atletismo global” para crianças de sete a doze anos de idade com o objetivo de popularizar a prática do esporte no contexto escolar, objetivando tornar o esporte individual mais praticado no mundo dentro deste contexto utilizando atividades condizentes com a idade das crianças desta faixa etária (Cbat, 2014).

Através do Mini Atletismo a criança poderá ter acesso a atividades básicas, como corridas, saltos, arremessos e lançamentos, de modo que estes passam a ser possíveis de serem praticados em qualquer lugar, e não apenas numa pista de Atletismo.

O guia prático de Atletismo para crianças passou a ser uma excelente proposta pedagógica para o ensino desta modalidade esportiva na escola. Com o

seu advento, foi possível disseminar o Atletismo no ambiente escolar buscando permitir que as crianças vivenciem diferentes movimentos básicos, que a sua prática demande habilidades condizentes com sua faixa etária e possa ocorrer de forma cooperativa ou em equipes mistas (Cbat, 2014).

Embora este guia prático apresente uma proposta global e motivadora, eu percebo que a sua elaboração foi direcionada principalmente para crianças maiores de sete anos de idade, possivelmente em função de o Atletismo ser um componente curricular previsto para ser introduzido apenas nos anos iniciais do ensino fundamental. Dessa forma, as crianças da EI acabam não sendo contempladas por essa proposta. Entretanto, considerando a possibilidade de realização do Atletismo em diferentes espaços e seu potencial para contribuir para o desenvolvimento das crianças por meio de movimentos característicos de sua prática, entende-se que essa modalidade esportiva pode ser explorada na EI, tanto como conteúdo em si (Atletismo como modalidade esportiva própria) quanto como recurso pedagógico para o desenvolvimento de diferentes dimensões (Atletismo como “meio”), podendo ser utilizado como um meio de contemplar diversos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, visando a melhora motora, cognitiva e as habilidades sociais das crianças. (Costa, 2025)

Após uma busca nas principais bases de dados, como a Scielo, banco de teses da UNESP, Biblioteca digital de teses e dissertações da USP e Portal de Livros abertos da USP, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre as possibilidades de utilizar elementos do Atletismo na EI, encontrei poucas publicações referentes à temática investigada. Entretanto, as poucas produções encontradas indicam que o Atletismo, quando abordado sob uma perspectiva lúdica, pode ser utilizado nas aulas de EF na EI, apresentando um potencial para contribuir para o desenvolvimento da criança.

Andrade (2016), por exemplo, ao trabalhar o Atletismo na EI, realizou uma abordagem com foco na construção histórica dos movimentos presentes nesse esporte. Nessa abordagem ele “transportava” as crianças através de uma “máquina do tempo” para os momentos históricos (pré-história e Grécia antiga) com o objetivo de recontar e vivenciar a história e os movimentos do Atletismo até chegar nos dias atuais; defendendo a ideia de que os movimentos de correr, saltar, arremessar e

lançar são movimentos originários da pré-história onde o ser humano lutava para sobreviver.

Reis e colaboradores afirmam que, mesmo o Atletismo sendo um esporte com muitos elementos técnicos, ele proporciona inúmeras possibilidades na educação Infantil, contribuindo para o desenvolvimento das crianças. Neste estudo, realizaram um trabalho no qual foram ministradas 10 aulas sobre a unidades temática para 80 crianças de uma escola na cidade de Uberlândia – MG e que foram submetidas a realização de diferentes atividades de corridas, arremessos e confecção de materiais, mas não houve uma especificação mais profunda de quais tipos de atividades ou materiais (peso, distâncias ou altura de barreiras) que podem ser utilizadas no ensino infantil (Reis; Lima; Silva, 2021).

Vasconcelos et al. (2019), em um trabalho realizado em São Carlos – SP com crianças de 03 a 05 anos, através da aplicação de atividades adaptadas de corrida com barreiras, lançamentos e arremessos, e saltos. Foi observado que o ensino do Atletismo na educação infantil foi capaz de possibilitar a aprendizagem de movimentos básicos de diferentes capacidades motoras inerentes do Atletismo realizadas nas suas diferentes provas, apresentando resultados de melhora motora e comportamental das crianças e a sua possibilidade de aplicação em locais com poucos espaços disponíveis.

Na faixa de idade dos educandos da educação infantil, as crianças aprendem de maneira lúdica através do brincar e da interação com os seus pares, embora o Atletismo possua um caráter mais individual em um relato de experiência, Vasconcelos, et al (2019). Afirma que:

“Ainda que o Atletismo vislumbre modalidades realizadas individualmente, ao adaptar as atividades para grupos de crianças pequenas é possível trabalhar a socialização, cooperação, relevando que tal relação é fundamental para a realização de um trabalho de qualidade na EI. Isto quer dizer que a prática desperta a aquisição de outros conhecimentos, por meio de atitudes que configuram o processo educativo neste nível de ensino, com característica não disciplinares, ou seja, em instâncias articuladas entre si.” (Vasconcelos et al., 2019).

Ferreira (2024), através da perspectiva histórico-crítica dissertou sobre as possibilidades de organizar didaticamente o ensino do Atletismo na Educação Infantil como um fenômeno emergente da cultura corporal, neste estudo foi feita uma revisão bibliográfica relacionada a essa perspectiva e foi aplicada uma unidade didática que buscou mostrar como os movimentos presentes no Atletismo se relacionavam com movimentos que o Homem pré-histórico realizava comparando a origem histórica do homem e o Atletismo moderno.

Costa (2025), também realizou um estudo aplicando uma unidade didática visando o ensino do Atletismo na EI e constatou-se que o Atletismo pode ser ensinado com a utilização de recursos simples e aliada à criatividade do professor e pode ser capaz de ampliar o repertório motor das crianças através das corridas, dos saltos, lançamentos e arremessos.

Deste modo, embora o Atletismo seja classificado como um esporte e, na EI a organização pedagógica esteja centrada nos Campos de Experiências e em abordagens predominantemente lúdicas, consideramos pertinente desenvolver e analisar propostas pedagógicas que possibilitem abordar elementos dessa modalidade por meio de jogos e brincadeiras, considerando estratégias condizentes com o nível de desenvolvimento das crianças.

## 6. PERCURSO INVESTIGATIVO

### 6.1 Universo da Pesquisa

O presente estudo foi desenvolvido em uma Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) do Município de Ribeirão Preto no Estado de São Paulo. Esta EMEI atende um total de 220 crianças de 03 a 05 anos de idade. Deste total de crianças, 45 são crianças de 03 anos de idade e estão divididas igualmente em três turmas, denominadas de Ciclo IIA, IIB e IIC.

A escola atende 75 crianças de 04 anos de idade, divididas igualmente entre as Etapas IA, IB e IC; e 100 crianças de 05 anos de idade (Etapas IIA, IIB, IIC e IID). Atualmente, a escola possui 03 professores de EF, sendo que eu sou responsável por ministrar as aulas das turmas IIC e IID.

A escola funciona em período integral com atendimento às crianças das 07h00 às 16h40, oferecendo assim diversas refeições como lanche da manhã, almoço e lanche da tarde, durante o dia são oferecidas diversas atividades para as crianças e há também a hora do soninho logo após o almoço, para que elas descansem e que ocorra a troca de professores no final do período.

As turmas denominadas de Ciclo são compostas por crianças de 03 anos de idade e para cada turma são designadas (os) duas (dois) professoras (res) com formação em Pedagogia para ministrar as aulas, sendo uma para o período da manhã e outra para o período da tarde. As turmas denominadas de Etapa I e Etapa II, atendem crianças de quatro e cinco anos respectivamente, mas diferentemente das turmas de ciclo, elas são atendidas por um número maior de professores. Para cada turma também são designadas (os) duas (dois) professoras (res) com formação em Pedagogia para ministrar as aulas, sendo uma para o período da manhã e outra para o período da tarde e são também, designados mais 03 “Professores Especialistas” com formação em Educação Física, Arte e inglês. A escola também possui duas professoras de Atendimento Educacional Especializado – AEE que atendem alunos com deficiência.

O quadro de funcionários é composto por funcionários da limpeza, de apoio pedagógico, por cozinheiras, porteiros e duas secretárias. Dentre os funcionários de

apoio, apenas uma funcionária da limpeza e uma secretária são servidores de carreira no Município, os demais são terceirizados. A escola também dispõe de uma Gestora Escolar (Diretora) concursada e de duas professoras Pedagogas readaptadas.

Dentre os espaços disponíveis para a utilização nas aulas de EF a escola dispõe de um pátio (que é compartilhado com as demais rotinas da escola) e um espaço cercado com o solo em declive que é denominado de “quadra”.

O pátio (Figura 1) é um espaço amplo com o piso de cimento, todo pintado e com alguns desenhos no chão, em uma de suas laterais existem os bebedouros de água e as portas para o refeitório, nas outras laterais existem as portas de algumas salas de aula e os corredores que dão acesso a outros ambientes da escola e no meio do pátio existem dois pilares de sustentação do teto, que possui oito ventiladores de teto, conforme mostrado nas imagens a seguir:

Figura 1 – Pátio da escola.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A quadra da escola (Figura 2) fica localizada em uma das extremidades da escola, ao lado da secretaria, do parque de areia maior e do portão de entrada e saída dos alunos. Ela possui um piso em leve declive, grades em uma das laterais

junto com um portão de entrada e as outras (03) três laterais são compostas por paredes.

Nela existem alguns desenhos no chão (amarelinhas, sequências de saltos com os pés juntos e uma centopeia grande formando um círculo), nas laterais mais longas da quadra existem os pilares de ferro que sustentam a estrutura do teto e entre duas destas estruturas existem um local para acomodar materiais de uso durante as aulas. Na Figura 2 é possível identificar as características da quadra:

Figura 2 – Quadra da escola.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

As crianças participantes da pesquisa foram crianças matriculadas na turma denominada de Etapa II – D, a qual é composta por 25 estudantes, composta tanto por meninos quanto por meninas, sendo que nesta mesma turma.

Somente participaram do estudo os participantes cujos pais, ou responsáveis, após serem informados acerca dos procedimentos do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis (APÊNDICE A), assim como o Termo de Autorização de Imagem (APÊNDICE B) devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (Parecer nº 7.577.860; CAAE: 85565224.7.0000.5504) (ANEXO A).

## 6.2 Procedimentos

Os procedimentos previstos neste estudo incluíram: a) elaboração de uma sequência didática; e b) aplicação desta sequência didática nas aulas de Educação Física escolar.

Inicialmente foi elaborada uma sequência didática abordando elementos presentes nas provas de Atletismo que foram realizadas em sete encontros compostas por 02 aulas subsequentes, com duração de 50 minutos cada.

Após a etapa de elaboração, esta sequência didática foi realizada nas aulas de Educação Física escolar. A aplicação desta unidade didática foi realizada pelo professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz.

## 6.3 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu no decorrer das aulas previstas para a aplicação da unidade didática por meio da utilização dos diários de aula. Os diários de aula são “documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas.” (Zabalza, 2004). Portanto, os diários de aula foram elaborados pelo professor pesquisador logo em seguida às aulas ministradas, com anotações previstas no roteiro (APÊNDICE C), com o objetivo de preservar as informações percebidas pelo professor e que não foram registradas em vídeo.

Além disso, para melhor análise dos eventos ocorridos na aula, optou-se por registrar por meio de filmagem as intervenções com o objetivo de identificar possíveis manifestações corporais espontâneas, que passaram despercebidas só com a observação ou gravação de áudio. O registro destas imagens possibilitou a retomada de detalhes que passaram despercebidos pelo professor pesquisador no decorrer das coletas, tendo em vista que após a análise dos vídeos foi possível observar as falas interativas das crianças, principalmente nos momentos em que elas observavam os colegas brincando. A obtenção de permissão para filmagem foi obtida por meio do Termo de Autorização de Imagem (assinado pelos responsáveis) (APÊNDICE B) e a filmagem foi realizada com um aparelho celular da marca Motorola do modelo Moto G54 fixado em um tripé de alumínio disposto em diferentes

pontos localizados no pátio ou na quadra da escola, de acordo com a brincadeira ou jogo a ser realizado.

#### **6.4 Análise dos dados**

Os dados coletados (arquivos de vídeo das aulas e arquivos de texto dos diários de aula) foram armazenados de maneira adequada pelo pesquisador, que também se responsabilizou por assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações dos participantes da pesquisa. Para isso, uma vez concluída a coleta de dados, o pesquisador realizou o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”.

A análise dos dados adotou uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, buscando compreender as situações observadas no contexto da aplicação da unidade didática, conforme as contribuições de Minayo (2014).

## **7. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir da elaboração e da aplicação da unidade didática desenvolvida na presente pesquisa. Inicialmente, será apresentado e analisado o processo de elaboração e, em seguida, o processo de aplicação. Cabe destacar, entretanto, que esses processos de elaboração e de aplicação não ocorreram de forma linear e dissociada ao longo do desenvolvimento da pesquisa, uma vez que determinadas decisões pedagógicas foram tomadas durante a própria implementação. Ainda assim, para fins de organização e análise, nós optamos por apresentar esses processos em seções distintas, diferenciando os aspectos relacionados à construção da unidade didática daqueles referentes a sua implementação e às situações e desafios emergentes da prática pedagógica.

### **7.1. Processo de Elaboração da Unidade didática**

A elaboração da unidade didática buscou articular elementos do Atletismo com atividades lúdicas adequadas à faixa etária das crianças de modo que as provas fossem apresentadas por meio de jogos e brincadeiras que favorecessem a participação ativa do grupo e a exploração de diferentes formas de movimento. Essa escolha dialoga com as orientações da BNCC (Brasil, 2017), que destaca a importância das experiências corporais e do brincar. Nesse processo, eu priorizei a adaptação das provas do Atletismo a partir de jogos e brincadeiras já conhecidos pelas crianças ou facilmente compreendidos por elas, possibilitando a aproximação entre o conteúdo esportivo e o universo lúdico característico da EI.

O processo de elaboração da unidade didática teve início em meados do segundo semestre de 2024, inicialmente construído no “plano das ideias”, e prevista para ser realizada em seis encontros presenciais com a turma participante da pesquisa.

Entretanto, durante o processo de planejamento, foi constatada a necessidade de aumentar o número de encontros em função da percepção de que seria necessário separar as brincadeiras que abordavam elementos das provas de arremessos, do lançamento da pelota e do lançamento do dardo, para que houvesse

uma janela temporal maior de modo que as crianças pudessem explorar adequadamente as diferentes provas do Atletismo e as brincadeiras selecionadas.

Dessa forma, decidi ampliar a unidade didática para sete encontros, possibilitando uma distribuição mais equilibrada das atividades e maior tempo de exploração das propostas pelas crianças.

Esta primeira reorganização do número de encontros também se deu em função do surgimento da ideia de relacionar as atividades propostas aos Campos de Experiências, em consonância com a BNCC (Brasil, 2017).

A escolha das provas de corridas em revezamento e as corridas com barreiras ocorreu considerando as condições materiais e espaciais da escola. Estas provas apresentam maior facilidade de adaptação para o contexto escolar devido à exigência de poucos materiais e à possibilidade de serem realizadas em espaços reduzidos. Esta falta de materiais e de espaços adequados foi uma dificuldade que eu encontrei durante a construção da unidade didática, pois tive que adaptar as brincadeiras, as provas do Atletismo e os implementos para a realização das brincadeiras de modo que todos atendessem aos interesses das crianças e a seus direitos de aprendizagem previstos na BNCC.

Além disso, a partir do pressuposto de que estas atividades exigiam movimentos que seriam mais facilmente compreendidos e reproduzidos pelas crianças, favorecendo a sua participação e compreensão das brincadeiras propostas.

Ao pensar nas provas de campo, foram escolhidas as brincadeiras que pudessem ser capazes de oferecer a oportunidade de as crianças participarem ativamente das brincadeiras e terem contato com o maior número de provas possíveis de modo que elas fossem capazes de compreender as brincadeiras e assimilar os conteúdos presentes nas provas de Atletismo.

Optei pela escolha da brincadeira de arremessar a bola do outro lado do “rio” adaptando uma atividade do miniguia de Atletismo da IAAF por julgar que esta é uma atividade que as crianças seriam capazes de participar ativamente e compreender as relações entre os objetos utilizados durante a execução, tais como a bola e as suas características, “as margens do rio” e as suas variações de distâncias. Deste modo poderia haver a contemplação dos Campos de Experiências

e a introdução aos arremessos como um conteúdo do Atletismo.

Pensando nas provas de saltos, optei pelo uso das brincadeiras de pular as margens do “rio” e a brincadeira de pular sobre os colchões para simular o salto em distância; para simular o salto triplo, optei pelo uso da amarelinha convencional e pelo uso de uma amarelinha adaptada.

As brincadeiras de pular as margens do “rio” e pular sobre os colchões, foram realizadas no terceiro encontro, que foi realizado na quadra da escola devido ao fato de não haver a necessidade de um espaço mais amplo para a realização das brincadeiras.

Para as brincadeiras de “Pular igual ao Saci” e a brincadeira do “Chão é lava”, que simulavam o salto triplo e foram realizadas no quinto encontro, optei por realizar no pátio da escola. A escolha se deu em função da presença de uma amarelinha já desenhada no local e por se tratar de um espaço com piso plano e nivelado, ao contrário da quadra, que apresentava aclive. Embora a quadra também possuísse amarelinhas desenhadas no chão, o pátio mostrou-se mais adequado por motivos de segurança, uma vez que as atividades exigiam a realização de saltos consecutivos em uma amarelinha adaptada, com maior nível de dificuldade.

A ideia de usar uma amarelinha adaptada para simular o salto triplo surgiu durante a realização de uma disciplina do PROEF<sup>2</sup> na qual tive de apresentar aos professores do programa uma proposta de projeto de pesquisa que eu pretendia realizar durante o mestrado. Durante a arguição dos professores, foi sugerida a possibilidade de se adaptar brincadeiras já praticadas pelas crianças, nesse contexto surgiu a ideia de adaptar a amarelinha convencional para abordar o salto triplo em consonância com os Campos de Experiências e a prova do Atletismo.

A prova de salto em altura foi abordada por meio da brincadeira de pular a cerca. Este encontro eu realizei no pátio devido à presença de dois pilares de sustentação do teto que foram utilizados como “postes” de fixação da corda que simulava a “cerca” da brincadeira de maneira que este era o espaço da escola mais adequado para a realização desta brincadeira.

Em relação aos lançamentos, optei por realizar a abordagem do lançamento da pelota e do lançamento do dardo por meio da utilização de brincadeiras

---

<sup>2</sup> D02 - Seminários de Pesquisa em Educação Física.

historiadas com o uso de implementos adaptados de acordo com as brincadeiras propostas, com a tentativa de abordar estes elementos do Atletismo em concomitância aos Campos de Experiências.

Optei pela utilização destas brincadeiras historiadas para simular as provas de Atletismo em função de já ser algo comum em minha prática docente, pois ao passar dos anos eu percebi que as crianças demonstram mais interesse em brincar quando eu crio um “mundo imaginário” para elas do que quando eu apenas passo a brincadeira sem construir essa “história” em volta dela. Assim a escolha destas brincadeiras partiu dessa minha percepção e da necessidade de melhor atender as demandas das crianças.

Para o lançamento da pelota foi proposta a brincadeira de “acertar a bola mágica no sol”. Como nesta brincadeira não foi prevista a necessidade de realizar corridas ou saltos de aproximação, ela foi projetada para ser realizada na quadra uma vez que este era um espaço condizente com a brincadeira e também era mais “calmo” e sem interferência de outros agentes da escola.

E para o lançamento do dardo a proposta é que as crianças mandassem o “foguetete” para o espaço. Pensei nesta brincadeira como uma bem próxima ao que ocorre na prova oficial do Atletismo, na qual as crianças teriam que correr segurando o dardo na mão e realizar o lançamento ao chegar na marcação do chão, por isso ela foi realizada no pátio pelo fato dele apresentar um piso mais adequado.

No último encontro, incluído ao longo do processo de implementação da unidade didática, foi realizada uma retrospectiva (por meio de uma roda de conversa) das brincadeiras realizadas na unidade didática. Na sequência, as crianças foram convidadas a realizar o registro em forma de um desenho sobre aquilo que elas lembravam das atividades desenvolvidas.

A partir das decisões e ajustes realizados ao longo do processo de elaboração, a unidade didática foi estruturada em sua versão final em oito encontros/aulas e é apresentada de forma sintética na Tabela 1. Nessa tabela, são descritos os encontros, as temáticas abordadas e as atividades propostas.

Tabela 1. Síntese da unidade didática.

Encontros	Temáticas abordadas	Atividades propostas
1º Conhecendo os tipos de arremesso.	Arremessos	Brincadeira: Jogando a bola do outro lado do “rio”.
2º Conhecendo as corridas.	Corridas	Corrida do sorvete e corrida sobre as montanhas.
3º Saltando o “rio”.	Salto em distância	Brincadeira de pular o “rio” e brincadeira de saltar sobre os colchões.
4º Pulando a “cerca”.	Salto em altura	Brincadeira de pular a cerca.
5º Pulando igual Saci.	Salto triplo	Amarelinha adaptada e brincadeira do chão é lava.
6º Acertando o “Sol”.	Lançamento da pelota	Brincadeira de acertar a bola mágica no “sol”.
7º Mandando o astronauta para o espaço.	Lançamento do dardo	Brincadeira de mandar o “foguet” do astronauta para o “espaço”.
8º Retomada das vivências.	Consolidação da aprendizagem por meio da reflexão sobre as vivências e os conhecimentos construídos.	Roda de conversa e desenho livre em papel sulfite A4.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Vale destacar que a Tabela 1 apresenta a versão final da unidade didática, conforme efetivamente realizada ao longo da pesquisa, contemplando as

adequações e reorganizações ocorridas durante o processo. As alterações em relação ao planejamento inicial, bem como os motivos que as justificaram, assim como a descrição de cada aula e a análise do processo de implementação, serão apresentados na seção seguinte.

## **7.2. Aplicação da unidade didática: apresentação e análise**

A unidade didática descrita no tópico anterior foi aplicada no período de 06 de maio de 2025 a 07 de outubro de 2025. Neste tópico analiso o processo de implementação da unidade didática. A análise considera as vivências ocorridas ao longo das aulas, buscando compreender como as propostas pedagógicas foram implementadas, as respostas das crianças às atividades realizadas bem como as possibilidades e desafios observados durante o processo. Além disso, são analisadas as relações entre as atividades propostas e os Campos de Experiência, verificando em que medida estes foram contemplados ao longo da unidade didática e sua articulação com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento previstos na BNCC (Brasil, 2017), e apresentados na Tabela 2. Dessa forma, a apresentação e discussão dos resultados estão organizadas a partir de cada aula, articulando a descrição das experiências com a análise das situações observadas.

Para preservar a identidade das crianças participantes da pesquisa, seus nomes foram substituídos por identificações numéricas ao longo do texto, como “Menina 1”, “Menino 2”, entre outras. Dessa forma, as falas apresentadas mantêm o anonimato dos participantes, em consonância com os princípios éticos que orientam pesquisas com seres humanos.

Tabela 2 - Campos de Experiências e objetivos de aprendizagem.

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
“O EU, O OUTRO E O NÓS”	<p>(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.</p> <p>(EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.</p> <p>(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.</p> <p>(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.</p> <p>(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.</p> <p>(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.</p> <p>(EI03EO07) Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.</p>

<p>CORPO, MOVIMENTOS</p> <p>GESTOS</p> <p>E</p>	<p>(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.</p> <p>(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e relato de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.</p> <p>(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.</p> <p>(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados à higiene, alimentação, conforto e aparência.</p> <p>(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.</p>
<p>TRAÇOS, FORMAS</p> <p>SONS, CORES</p> <p>E</p>	<p>(EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais e festas.</p> <p>(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.</p> <p>(EI03TS03) Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e</p>

timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.

---

ESCUUTA, FALA, PENSAMENTO E  
IMAGINAÇÃO

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

(EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.

(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens e a estrutura da história.

(EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.

(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.

(EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.

(EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses

textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).

(EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

ESPAÇOS, QUANTIDADES, TEMPOS, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	<p>(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.</p> <p>(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.</p> <p>(EI03ET03) Identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação.</p> <p>(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.</p> <p>(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.</p> <p>(EI03ET06) Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.</p>
--	--

Fonte: BNCC (Brasil, 2017)

### **Primeiro encontro – Conhecendo os tipos de arremesso.**

No primeiro encontro, as crianças assistiram um breve vídeo do Youtube (<https://youtu.be/rwh-92pTl0I>) que eu criei com o objetivo de introduzir aos alunos breves ideias sobre o Atletismo e as brincadeiras, o vídeo buscou ser bem lúdico e condizente com o universo infantil. Após a etapa de assistir o vídeo, eu segui com as

crianças para a quadra e realizei a brincadeira de jogar a bola do outro lado do “rio”, com o objetivo de simular a prova de arremesso do peso.

Vale destacar que, inicialmente, estava prevista para este primeiro encontro a realização de brincadeiras relacionadas às corridas. Contudo, em função da indisponibilidade do pátio, que estava sendo utilizado por outra professora, foi necessário deslocar a atividade para a quadra. Considerando que o piso da quadra apresenta um declive, o que poderia comprometer a segurança das crianças, além de se tratar de um espaço mais reduzido, optei pela reorganização das propostas, passando a contemplar atividades voltadas ao arremesso, enquanto as atividades relacionadas às corridas foram remanejadas para o segundo encontro.

Figura 3 - Crianças assistindo ao vídeo de introdução.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Após o momento de alongamentos e aquecimento, o professor explicou ludicamente como funciona a prova de arremesso no Atletismo e preparou a atividade utilizando um colchonete, uma corda e uma bola de basquete.

Como padrão de cada coleta de dados, os alunos foram submetidos a uma sessão de alongamentos e aquecimento, de acordo com a demanda exigida em

cada etapa da unidade didática, sendo que não foi definido uma sequência fixa de alongamentos, tendo em vista as diferentes variáveis encontradas em cada aula do Ensino Infantil e por motivos lúdicos, com o objetivo de não tornar este momento em algo “mecanizado” para as crianças, esta estrutura inicial da aula foi aplicada em todos os encontros com a turma.

O colchonete foi posicionado em um dos lados da quadra e paralelamente a ele, foi esticada uma corda numa distância de 1 metro, sendo que as crianças foram orientadas realizar o arremesso com os dois joelhos no colchonete, segurando a bola com as duas mãos sobre a cabeça e jogar a bola o mais longe possível com o objetivo de fazer a bola passar para o outro “lado” da corda, que no caso representava um “rio”, este “rio” serviu como referência de distância para as crianças com o objetivo de tornar a atividade mais desafiadora.

Conforme as crianças foram realizando as tentativas de arremesso no estágio inicial e com a constatação de que poderia ser realizado o aumento da distância entre o colchonete e a corda que representa a margem do “rio”, esta distância foi sendo aumentada de acordo com as tentativas das crianças, mas sem que houvesse a exclusão das crianças que não conseguissem arremessar a bola de modo que ela tivesse ultrapassado a outra margem do “rio”.

Figura 4 – Alongamentos na quadra.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Neste primeiro encontro, havia dezessete crianças, sendo que todos os

alunos presentes na turma participaram da aula e conseqüentemente da brincadeira.

Figura 5 – Jogando a bola do outro lado do “rio”.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Ao analisar através do registro no diário de aula 1 (APÊNDICE D) e o registro da aula em vídeo, constatei que nesta atividade realizada, foram contemplados diferentes Campos de Experiências previstos na BNCC. Ao pensar no campo “Corpo, gestos e movimentos”, desde o alongamento até a etapa final da atividade, as crianças realizaram movimentos fundamentais para o desenvolvimento da flexibilidade, para a conscientização e controle corporal, além de movimentos de força e das noções de distância e direção contemplando o objetivo de aprendizagem EI03CG02 (Tabela 2) de maneira que todos conseguiram participar da aula e realizar os movimentos exigidos pela brincadeira, conforme o trecho do diário de aula:

“As crianças não apresentaram frustração por não ter conseguido superar as etapas da brincadeira, tendo em vista que não havia exclusão de nenhuma criança que errasse.” (Diário 1)

“A aula ocorreu dentro do esperado, com as crianças conseguindo realizar as etapas da brincadeira de maneira segura, sem apresentar frustrações, conflitos ou demonstrar frustração.” (Diário 1)

Ficando evidente que, embora nem todas as crianças tenham conseguido arremessar a bola para além da “margem do rio”, todas conseguiram realizar os movimentos de arremessar e participaram de todas as etapas da brincadeira.

Para o campo “Eu, o outro e o nós”, após a análise do registro em vídeo da aula, a brincadeira se mostrou capaz de ampliar as relações interpessoais das crianças, por estimular a noção de cooperação entre os colegas e a construção da identidade por parte de cada criança, além da construção das regras de convivência conforme o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento EI03EO03 (Tabela 2). Embora tenha sido relatado no diário de aula 1 um caso pontual de dificuldade por parte de uma criança em entender estas regras de convivência conforme o trecho:

“A maior dificuldade que eu encontrei para a realização da atividade foi em relação ao comportamento das crianças, mas nada que fugiu do comum, as crianças conseguiram realizar as atividades normalmente, mostrando terem compreendido o funcionamento da brincadeira, não houve desmotivação por parte de nenhum aluno.” (Diário 1)

“Apenas uma aluna apresentou dificuldade em respeitar as normas coletivas de disciplina, mas após ter a atenção chamada algumas vezes ela entendeu um pouco melhor estas normas, mas não foi nada que atrapalhasse a realização da brincadeira por ela e pelos colegas.” (Diário 1)

Mesmo diante da dificuldade em relação ao comportamento das crianças, ao analisar o trecho do diário de aula supracitado, considero que as crianças conseguiram cooperar com a construção da aula respeitando de maneira geral os combinados e a convivência com os colegas.

Dentro do jogo crianças puderam experimentar as dificuldades em realizar os movimentos e puderam também observar quais movimentos elas foram capazes de realizar e quais distâncias elas conseguiram arremessar a bola, agindo de maneira independente e reconhecendo as suas capacidades, conquistas e limitações em consonância com o objetivo EI03EO02 (Tabela 2).

Por meio da utilização de metáforas como “o rio” que deve ter as suas margens ultrapassadas pela bola a ser arremessada, as crianças foram estimuladas a utilizar a imaginação para ressignificar o movimento do arremesso, tornando assim a brincadeira mais atrativa e estimulando-as a refletir como elas podem melhorar o

seu desempenho dentro da brincadeira de arremessar a bola. Analisando o registro de vídeo da aula, pude observar que as crianças expressavam as suas expectativas e sentimentos durante a realização da atividade manifestando reações como um sorriso ao atingir a marca proposta ou expressões de desânimo quando não conseguiam atingir a marca durante a sua participação na brincadeira.

Sendo assim, esta atividade contemplou também o Campo de Experiências denominado de “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, pois o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento EI03EF01 (Tabela 2) prevê que a criança seja capaz de expressar as suas ideias e sentimentos sobre as suas vivências. Neste contexto, sorrisos, caretas e gritos felizes que surgiram logo após a realização das tentativas de cada criança foram interpretados como formas de expressão.

Com o aumento gradativo da distância das cordas que representam as margens do “rio”, as crianças foram estimuladas a estabelecer as relações de comparação entre os objetos como previsto nos objetivos de aprendizagem EI03ET01 e EI03ET05 (Tabela 2), Campo de Experiências “Espaços, tempo, quantidades, relações e transformações”. Tendo em vista que antes o “rio” era mais estreito e depois passou a ser mais largo, aumentando deste modo a distância que as crianças teriam de vencer, essa modificação exigiu que as crianças aplicassem mais força ou adaptassem seus movimentos para conseguir superar o desafio. A Figura 6 mostra a estrutura da brincadeira, de modo que foi acrescentada uma linha preta para ilustrar onde a margem do “rio” teve início e onde a margem do “rio” terminou, mostrando a progressão da distância que as crianças deveriam superar com os arremessos.

Figura 6 – Imagem ilustrando a distância final da margem do “rio”.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

### **Segundo encontro – Conhecendo as corridas.**

No segundo encontro, em função da demanda de espaço para a realização da brincadeira de corridas, esta aula foi ministrada no pátio da escola, que dispõe de mais espaço e de piso nivelado, tendo em vista que a “quadra” da escola é um cercadinho improvisado de terreno desnivelado.

Inicialmente foram realizados os alongamentos e o aquecimento como já definido para todos os encontros. Neste dia estavam presentes quinze crianças e realizamos duas brincadeiras de corrida.

A primeira brincadeira de corrida foi em formato de revezamento em duplas, utilizamos quatro cones no formato tartaruga para demarcar o ponto de partida de cada integrante sendo dois cones para cada dupla e dois cones pequenos utilizados para simular o bastão do revezamento, optamos pelo uso dos cones e não pela utilização de algum outro material simulando o bastão (madeira ou cano PVC) em função do cone ser de borracha flexível, com o objetivo de prezar pela segurança das crianças.

A criança 1 da dupla correu em linha reta do ponto de partida A até o ponto B, onde estava a criança 2 e passou o cone para o seu par e ficou parada no ponto B. A criança que estava no ponto B correu em direção ao ponto A finalizando a corrida

de revezamento ao chegar nesse ponto inicial, simultaneamente, outra dupla também realizou a mesma corrida de revezamento.

A Figura 7 mostra as crianças realizando a corrida do sorvete em duplas:

Figura 7 – Corrida do sorvete.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Após a realização da primeira corrida de revezamento, as duplas permaneceram no lugar de término da brincadeira e assim foi realizada outra roda com estas duplas com o objetivo de haver a troca de posições e todos os 4 alunos que participaram da rodada tivessem a possibilidade de participar em todas as funções (passando e recebendo o implemento).

Após a realização da corrida de revezamento foi montado um circuito de corrida com 03 “barreiras” dispostas em duas retas de um circuito no formato de um retângulo medindo 15 metros x 5 metros (Figura 8), utilizamos também 04 cones para demarcar os locais em que as crianças deveriam fazer a “curva” para passar de uma reta para a outra.

Na primeira reta utilizei uma barreira, na segunda e na última reta (as duas menores que seriam as curvas da pista de Atletismo) não havia barreiras e na terceira reta foram colocadas duas barreiras. Para a realização desta corrida, eu disse que a brincadeira era chamada de “corrida sobre as montanhas” e que cada barreira representava uma “montanha”, o pátio da escola era a “floresta” e cada criança era um (a) “gigante”, desse modo, cada criança teve que correr pelo circuito de modo que quando chegasse em “uma das montanhas” ela deveria passar por

cima dela.

Figura 8 – Disposição das barreiras no pátio.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Nestas atividades o Campo de Experiências “Corpos, gestos e movimentos” foi contemplado na medida em que as crianças foram capazes de demonstrar o controle do corpo com o seu uso adequado dentro da brincadeira como previsto no objetivo de aprendizagem EI03CG02 (Tabela 2), por meio do controle corporal ao correr, saltar, mudar a direção da corrida e ajustar a velocidade no decorrer do circuito (Brasil, 2017). Este objetivo de aprendizagem e desenvolvimento eu observei no decorrer da aula, conforme registros do diário de aula 2 (APÊNDICE E):

“As dificuldades que as crianças apresentaram consistiram na dificuldade inicial de entender como a corrida do sorvete seria realizada, mas com o decorrer da brincadeira todos conseguiram brincar e na brincadeira de correr sobre as montanhas algumas crianças apresentaram ligeiras dificuldades em saltar sobre as barreiras, mas a maioria conseguiu brincar.” (Diário 2)

No que se refere ao Campo de Experiências “Eu, o outro e o nós”, a vivência da corrida de revezamento em duplas possibilitou às crianças a oportunidade de ampliarem as suas relações interpessoais e desenvolverem a capacidade de realizar atividades cooperativas. Durante essa atividade, observei momentos de torcida,

incentivo e acolhimento entre os colegas, tanto durante a participação na corrida quanto nos momentos de espera. As crianças demonstraram empatia pelos colegas, agiram de maneira independente, reconhecendo as suas capacidades e limitações, as características de seu próprio corpo e as características de seus colegas, contemplando, desta maneira, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento EI03EO01 e EI03EO02 (Tabela 2) previstos para este Campo de Experiências. (Brasil, 2017).

Além dos objetivos supracitados referentes ao Campo de Experiências “Eu, o outro e o nós”, o objetivo EI03EO04 (Tabela 2) foi contemplado. Isso pode ser observado em um episódio de superação de medo por parte de uma aluna que, antes de iniciar a brincadeira da corrida do “gigante”, externou para mim as suas angústias, conforme relatado no diário de aula 2:

“É importante salientar que uma aluna, me disse que estava com medo de fazer a corrida sobre as montanhas, mas após o meu incentivo ela realizou a tentativa e conseguiu terminar com êxito.”  
(Diário 2)

Ao conversar comigo sobre o seu medo, a aluna se mostrou capaz de expressar as suas ideias, emoções e sentimentos sobre as suas vivências, comunicando as suas ideias a pessoas e grupos diversos. Esse episódio também evidencia a presença do Campo de Experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, na medida em que a aluna utilizou a linguagem oral para relatar o medo ao professor antes de realizar a corrida sobre as barreiras, contemplando o objetivo EI03EF01 (Tabela 2). Além disso, este Campo de Experiências também foi trabalhado quando as crianças receberam instruções orais sobre a brincadeira, nas quais foram utilizados elementos que favoreceram a imaginação e a construção simbólica das crianças. Durante a explicação da atividade, foram utilizados termos imaginativos como “montanhas”, “floresta”, “gigante”, bem como o uso do cone representando simbolicamente um sorvete.

Deste modo, as crianças foram estimuladas a expressar os seus desejos, as suas ideias e os seus sentimentos, além de produzir histórias e explicações em situações significativas

Por fim, o Campo de Experiências “Espaços, tempos, quantidades, relações e

transformações” foi contemplado quando as crianças realizaram o circuito em curvas, situação que favoreceu o aprimoramento das noções de espaço e tempo. Durante a atividade as crianças foram, portanto, estimuladas a estabelecer comparações relacionadas a distâncias, alturas, o perto e o longe, atendendo ao objetivo de aprendizagem EI03ET01 (Tabela 2).

### Terceiro encontro – Saltando o rio.

Nesta aula, que ocorreu na quadra da escola, nós realizamos a parte inicial dos alongamentos e do aquecimento e posteriormente foi feita uma roda de conversa para explicar como seria a primeira brincadeira. Nesta brincadeira, denominada de “pular o rio”, as crianças foram orientadas a pular de um “lado do rio” para o outro, de tal modo que o “rio” era representado por duas cordas dispostas paralelamente 01 (um) metro distantes uma da outra, conforme ilustra a Figura 9, sendo que esta distância foi aumentada com o passar das tentativas. O objetivo desta aula foi simular o salto em distância.

Figura 9 - Saltando o rio.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A segunda brincadeira simulando o salto foi realizada com o auxílio de

colchonetes. Nesta brincadeira as crianças foram orientadas a passar por cima da corda e “cair” em cima dos colchões (Figura 10). Uma ponta da corda foi amarrada em um pilar da quadra e a outra ponta foi apenas presa na grade, de maneira que ela ficou esticada na altura dos colchonetes, mas sem estar totalmente presa, com o objetivo de minimizar os riscos para as crianças.

Figura 10 - Saltando sobre os colchões.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Esta brincadeira foi realizada com várias tentativas dos alunos sempre com a mesma altura da corda, mudando apenas a orientação para que as crianças realizassem uma corrida de aproximação e que “caíssem” com o bumbum nos colchões (orientação dada aos alunos que não fizeram isso espontaneamente). Nesta atividade eu fiquei de joelhos logo após os colchonetes para garantir a segurança das crianças (Figura 11).

Figura 11 - Saltando sobre os colchões com uma corrida de aproximação.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Neste encontro, a análise da aula permitiu identificar a presença de três Campos de Experiências. No campo “Corpo, gestos e movimentos” observei a capacidade das crianças de criar movimentos, gestos, olhares e mímicas nas brincadeiras, como previsto no objetivo de aprendizagem EI03CG03 (Tabela 2). Durante as duas brincadeiras as crianças foram estimuladas a criar estratégias motoras ou até novos gestos para superar o desafio de “pular” o “rio”. A análise do registro em vídeo desta aula evidenciou que, principalmente no decorrer das tentativas da segunda brincadeira, as crianças realizaram adaptações corporais e ajustes na corrida de aproximação, demonstrando a criação de estratégias para superar os desafios encontrados.

Como dito anteriormente, o uso de metáforas e explicações historiadas visaram estimular a imaginação das crianças, para que elas pudessem expressar as suas ideias, seus desejos e sentimentos sobre a vivência em diferentes linguagens, como previsto no Campo de Experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”.

Ao comparar as distâncias e as alturas com o objetivo de ajustar os seus movimentos para realizar a brincadeira de “pular o rio”, as crianças foram

estimuladas a estabelecer as relações de comparação entre os objetos e as suas propriedades como previsto no objetivo de aprendizagem EI03ET01 (Tabela 2), além de coordenar o uso de seu corpo dentro do espaço e se deslocando sobre ele para obter êxito na brincadeira coordenando as suas habilidades para atendimentos das suas necessidades em situações diversas EI03CG05 (Tabela 2). Assim há uma integração entre o Campo de Experiências “Corpo, gestos e movimentos” e o Campo de Experiências “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

Por meio da análise do registro em vídeo desta aula, observei que as crianças conseguiram brincar de maneira segura e prazerosa. Essa percepção também foi confirmada na roda de conversa realizada no final da aula, quando as crianças foram convidadas a compartilhar suas impressões sobre as atividades. Ao serem questionadas sobre o que elas acharam das brincadeiras, foram registradas as respostas:

“Legal” (Menina 2).

“Divertida” (Menina 3).

“Foi fácil” (Menina 4).

Ao questionar as crianças sobre qual brincadeira elas mais gostaram, as duas brincadeiras foram lembradas pelas crianças. Durante a conversa elas se mostraram capazes de externar as suas percepções e os seus sentimentos durante a interação com os colegas, relatando como elas se sentiram durante a participação nas brincadeiras. Também houve relatos sobre a dificuldade inicial em relação a superar a distância das margens do “rio”. Além disso, foi possível constatar que as crianças perceberam que as dificuldades encontradas nas brincadeiras da aula se tornaram mais fáceis de serem superadas ao longo das tentativas, reconhecendo a necessidade de realizar ajustes corporais na sequência de tentativas realizadas a fim de superar as dificuldades encontradas.

#### **Quarto encontro – Pulando a cerca.**

Com o objetivo de simular o salto em altura, nós realizamos a brincadeira que denominamos de “pular a cerca”. Após a parte inicial da aula com os alongamentos,

aquecimento e a roda de conversa, foi utilizada uma corda disposta no chão e entre dois pilares que sustentam a estrutura do pátio (Figura 12). Durante a roda de conversa foi falado para as crianças que iríamos brincar de pular a cerca, mas que deveríamos pular essa “cerca” lateralmente passando primeiramente um pé por cima da corda e depois passando o outro.

Figura 12 – Disposição inicial da corda.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Com o passar das tentativas realizadas pelas crianças, a altura da corda foi sendo aumentada gradativamente (Figura 13). Em certo ponto, ao verificar a necessidade do uso de colchonetes, eu coloquei os colchonetes logo após a corda (Figura 14) e orientei as crianças a saltar por cima da corda e aterrissar sobre os colchonetes; neste momento eu também fiquei ao lado dos colchonetes para evitar que as crianças saíssem deles e corressem o risco de se machucarem.

Figura 13 – Disposição da corda em outra altura.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A altura foi sendo aumentada logo após cada rodada de tentativa das crianças e eu fui incentivando as crianças dizendo que a “cerca” estava cada vez mais alta e que ela chegaria até o teto. Em certo ponto, ao verificar que as crianças já estavam apresentando dificuldades para “pular a cerca” e para evitar riscos de acidentes, a atividade foi finalizada.

Figura 14 – Disposição final da brincadeira.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A brincadeira de pular a “cerca” foi uma estratégia que permitiu que as crianças pudessem demonstrar controle do seu corpo, utilizando-o de maneira adequada por meio do uso de diversas capacidades motoras (força, equilíbrio, noção espacial e controle postural) para realizar o movimento de salto, além de possibilitar a criação de estratégias motoras (corrida de aproximação, posição do corpo ao passar pela corda) para superar os desafios.

Deste modo elas puderam demonstrar o controle e a adequação do uso do seu corpo, criar gestos, movimentos e mímicas em brincadeiras e em jogos além de coordenar o uso de suas habilidades para atender às necessidades criadas pela brincadeira como previsto nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento EI03CG02, EI03CG03 e EI03CG05 do Campo de Experiências “Corpo, gestos e movimentos” (Tabela 2).

Ao analisar o registro em vídeo da aula, notei que as crianças conseguiram realizar as tentativas de pular a “cerca” com segurança e com autonomia modificando os seus gestos corporais para superar as diferentes alturas da corda. Ao acompanhar as tentativas de cada criança, verifiquei uma mudança progressiva na forma como elas realizavam o movimento de passagem sobre a “cerca”. Inicialmente, muitas apenas levantavam as pernas para ultrapassar a “cerca”; posteriormente, passaram a utilizar a corrida de aproximação e a realizar a queda com as pernas estendidas nos colchões. Em alguns casos, as crianças demonstraram movimentos semelhantes aos observados em atletas profissionais do salto em altura, como a passagem sobre o sarrafo usando a técnica de rolamento ventral e movimento próximo à técnica conhecida como *Fosbury Flop*, mesmo sem que essas técnicas tivessem sido previamente apresentadas às crianças.

Deste modo, ao realizar os saltos para superar o desafio do aumento da altura, realizando ajustes nos seus gestos motores, as crianças mostraram a capacidade de agir de maneira independente, reconhecendo as suas conquistas e as suas limitações e foram capazes de demonstrar empatia com os colegas, ao apresentar momentos de torcida para o sucesso de seus pares. Assim, os Campos de Experiências “Eu, o outro e o nós” e Campo de Experiências “Corpo, gestos e movimentos” foram contemplados nessa aula.

O uso das metáforas com o objetivo de deixar a brincadeira mais atrativa e de

fácil compreensão para as crianças continuou sendo uma estratégia nesta brincadeira e as crianças também foram estimuladas a estabelecer as relações de comparação entre os objetos e o espaço, através da necessidade imposta às crianças de comparar as alturas a serem superadas e a necessidade de ajustar os seus movimentos, contemplando os Campos de Experiências: “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempo, quantidades, relações e transformações” como ocorreu nos encontros anteriores.

### **Quinto encontro – Pulando igual Saci.**

O quinto encontro foi reservado para a realização de brincadeiras que pudessem simular o salto triplo, para isto utilizamos o pátio para a realização das coletas deste dia. Na aula havia dezesseis crianças, sendo nove meninas e sete meninos.

Inicialmente foi feita uma breve explicação sobre o que é o salto triplo. A primeira brincadeira foi a “amarelinha” em que a criança foi orientada a pular de acordo com a brincadeira convencional, mas sem a presença da “pedra” ou objeto que é utilizado para demarcar a casa que a criança atingiu (Figura 15).

Figura 15 – Crianças brincando de amarelinha.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Cada criança pulou amarelinha por algumas vezes e, após esta etapa, foram desenhados 03 quadrados no chão dispostos paralelamente e separados por alguns centímetros, e logo em seguida foi desenhada uma forma geométrica simulando uma nuvem e dentro dela foi escrita a palavra céu (Figura 16). Foi orientado que cada criança pulasse que nem Saci de modo que elas deveriam saltar com a mesma perna duas vezes e com a outra na terceira e “cair” dentro do céu. Nesta parte da aula foi dito que estávamos brincando da brincadeira “o chão é lava”, para melhor entendimento das crianças.

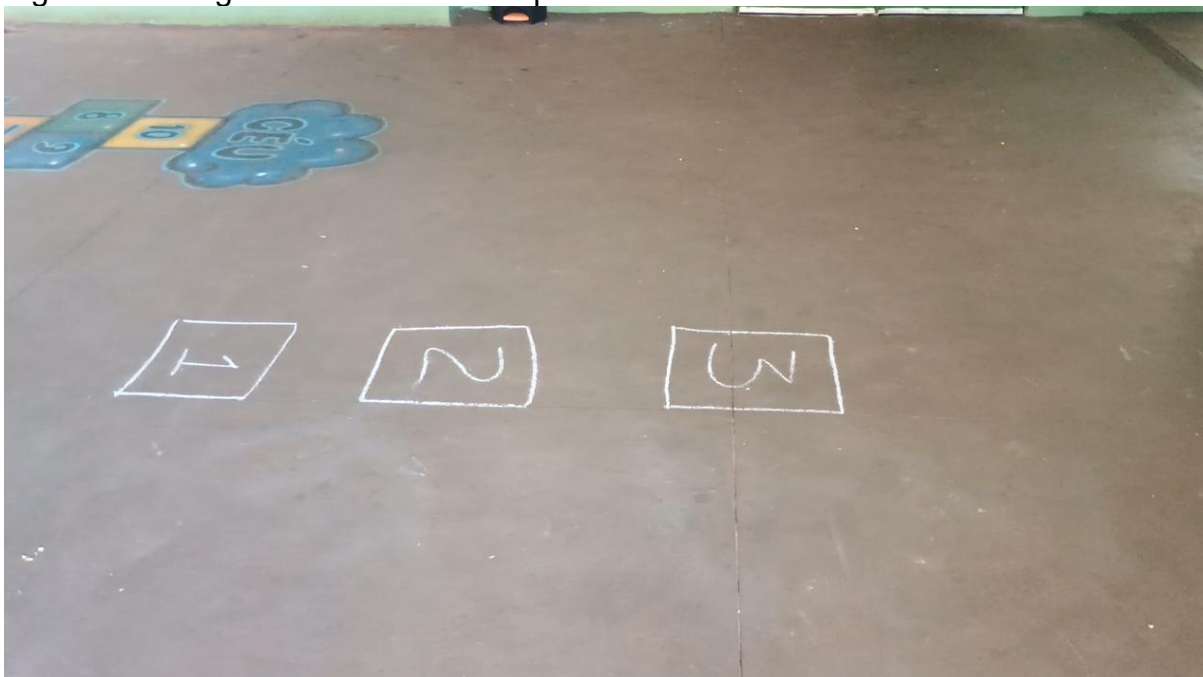
Figura 16 – Crianças brincando na primeira amarelinha adaptada.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Com a adaptação das crianças à brincadeira e a percepção de que elas estavam aptas para realizar a próxima etapa, eu desenhei outros 03 (três) quadrados no chão dispostos paralelamente e com uma maior distância entre eles (Figura 17). A orientação foi a mesma, mas não havia mais a necessidade de aterrissar no “céu” e sim parar o mais longe possível. Nesta etapa, após ser constatada a dificuldade das crianças em realizar a aterrissagem o mais longe possível, o chão foi pintado com giz e foi dito que aquele desenho era o “rio de lava” e que elas deveriam pular pelas pedras e passar por cima do “rio” sem pisar nele. As crianças também realizaram várias tentativas nesta etapa da aula.

Figura 17 – Segunda amarelinha adaptada.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

As brincadeiras deste encontro tiveram como objetivo simular o salto triplo e contemplar os Campos de Experiências previstos na BNCC. Observei que o Campo de Experiências “Corpo, gestos e movimentos” foi atendido na medida em que as crianças foram estimuladas a superar os desafios de saltos por meio da criação de estratégias motoras e da criação de novos gestos.

Ao analisar os relatos no diário de aula, notei que as crianças compreenderam a brincadeira e conseguiram realizar ajustes nos seus gestos motores para superar as dificuldades apresentadas pelas variações da brincadeira, tendo em vista que consta no diário 5 (APÊNDICE H) o seguinte trecho:

“Também observei que após desenhar o rio de lava após o último quadrado o entendimento das crianças em relação à brincadeira melhorou e a maioria conseguiu realizar os movimentos esperados.” (Diário 5)

Desta maneira, ao realizar os ajustes na configuração da brincadeira, contribui para que as crianças compreendessem melhor a proposta da atividade. Assim, elas foram capazes de usar o seu corpo de maneira adequada em atendimento às suas necessidades decorrentes da brincadeira, atendendo aos objetivos de aprendizagem

e desenvolvimento EI03CG01, EI03CG02 e EI03CG05 (Tabela 2).

Esta interpretação é evidenciada pela análise do registro em vídeo da aula, no qual foi possível observar que as crianças conseguiram ressignificar os seus movimentos e conseguiram saltar sobre os quadrados, atendendo a sua necessidade de obter “êxito” na brincadeira. Em alguns momentos, observei que algumas crianças foram capazes de saltar sobre as duas “pedras” com a mesma perna, alternando a perna na terceira “pedra” e finalizando o salto com os dois pés juntos após o “rio de lava”, de forma semelhante ao que acontece na prova do salto triplo.

O campo de Experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação” foi contemplado por meio da estimulação da imaginação e da escuta na explicação oral e no uso de metáforas, assim como ocorreu nas atividades realizadas nos encontros anteriores. Da mesma forma, a utilização da comparação das distâncias dos quadrados de cada atividade possibilitou também atender ao Campo de Experiências “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. Mais especificamente, o objetivo EI03ET01 (Tabela 2) foi contemplado na medida em que as crianças tiveram que fazer comparações entre os objetos desenhados no chão, tal como a quantidade de quadrados e a disposição deles no espaço coordenando as suas habilidades motoras para realizar os saltos de acordo com o exigido na variação da amarelinha.

No registro em vídeo desta aula, observei que, enquanto eu desenhava os quadrados no chão, uma criança chamou a minha atenção e comentou que na brincadeira da amarelinha o quadrado número 2 vem ao lado do quadrado 3, diferente da forma como eu havia desenhado. Diante da observação eu respondi que nós estávamos fazendo uma adaptação da brincadeira. Esse episódio indica que a criança foi capaz de externar o seu pensamento e mostrou ter identificado a mudança da configuração da brincadeira. Posteriormente ela realizou ajustes em seu modo de brincar para se adequar aos novos desafios propostos pela atividade, atendendo aos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento EI03ET05 e EI03ET01 (Tabela 2).

### Sexto encontro – acertando o sol.

Na quadra, após a etapa inicial da aula com os alongamentos e o aquecimento, realizamos a brincadeira de acertar a “bola mágica no sol”. Inicialmente eu contei uma breve história para as crianças de que nós éramos “astronautas” e que tínhamos a missão de jogar a nossa bolinha mágica no “sol” e acertar um bichinho que estava tentando roubar o “sol” da gente, por isso que estava fazendo frio naquele dia.

As crianças foram orientadas a pegar a bolinha, se posicionar dentro de um bambolê que estava no chão, jogar a bolinha e tentar acertá-la dentro do bambolê que estava pendurado em uma espécie de varal (Figura 18); e, posteriormente, ir pegar a bola e passar para o próximo colega da fila.

Figura 18 – Brincadeira de acertar a bola mágica no sol.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Após um período de tentativas dos alunos, a distância foi aumentada por meio do posicionamento do bambolê do chão em uma distância maior em relação ao bambolê que estava pendurado. Neste momento, os alunos não estavam mais em fila e sim sentados, e realizaram as tentativas ao serem chamados pelo professor.

Nesta brincadeira as crianças foram estimuladas a ajustarem algumas capacidades físicas, tais como a força (para lançar a bola no “sol” de diferentes distâncias), o equilíbrio e o controle postural para executar o movimento de lançar a bola. Deste modo, elas foram capazes de demonstrar o controle e a adequação do uso de seus corpos dentro da brincadeira, contemplando o Campo de Experiências “Corpos, gestos e movimentos”, como previsto nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento EI03CG02 e EI03CG05 (Tabela 2).

Também foram contemplados os Campo de Experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação” por meio da invenção de brincadeiras (uso da brincadeira historiada) conforme o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento EI03EF02 (Tabela 2) e o Campo de Experiências “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” por meio da necessidade de identificar e comparar as diferentes distâncias entre o ponto de lançamento e o “sol” e realizar possíveis ajustes nos seus atos motores de acordo com o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento EI03ET01 (Tabela 1) e empregando mais ou menos força ao lançar a bola mágica, além de identificar os diferentes objetos utilizados na brincadeira, contemplando também o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento EI03ET05 (Tabela 2).

### **Sétimo encontro – mandando o astronauta para o Espaço.**

Esta aula foi realizada no pátio da escola e a brincadeira proposta teve como objetivo simular o lançamento do dardo. Para isso utilizamos um “foguetete” construído previamente para ser utilizado como um dardo/foguetete. Foi utilizado um cano de PVC coberto com um espaguete de natação (Figura 19).

As crianças foram orientadas a realizar a corrida de aproximação e lançar o foguetete como se fosse uma pessoa caçando. Antes de realizar a ação, as crianças realizaram alongamento e aquecimento. Após esta etapa as crianças foram

dispostas sentadas em uma coluna e disse para elas que iremos mandar o “foguetete do astronauta para a lua”.

Figura 19 – Mandando o “astronauta” para o espaço.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Neste último encontro realizado dentre os previstos para serem realizadas as brincadeiras, também foram contemplados os Campo de Experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” e o Campo de Experiências “Corpos, gestos e movimentos”, na medida em que as atividades também serviram para estimular a escuta, a imaginação, a capacidade de comparar as distâncias e as alturas, além de estimular o uso adequado do corpo em atendimento às demandas da brincadeira utilizando de novos gestos motores, como o de realizar o lançamento do “foguetete” simulando o movimento de uma pessoa caçando.

### **Oitavo encontro - Avaliação reflexiva.**

Embora a unidade didática tenha sido inicialmente concebida para sete aulas, ao longo do processo (marcado pela articulação entre elaboração e implementação) surgiu a curiosidade de investigar em que medida as atividades realizadas haviam

sido significativas para as crianças, especialmente no que se refere à lembrança das brincadeiras e experiências vivenciadas. Dessa forma, um período após a realização do que então se configurava como o último encontro da unidade didática, decidi junto com a minha orientadora realizar uma aula adicional com o objetivo de verificar o que as crianças recordavam das atividades desenvolvidas. Assim, a versão final da unidade didática (Tabela 1), passou a compreender oito encontros.

Essa aula adicional (Aula 8) foi realizada três meses após a última aula prevista na unidade didática, e contou com a presença de 20 (vinte) crianças. Nessa aula eu realizei uma roda de conversa com as crianças e fiz uma retrospectiva da unidade didática realizada no decorrer dos sete encontros, na qual eu falei brevemente sobre o Atletismo e sobre cada brincadeira realizada.

Após esta roda de conversa, eu entreguei folhas de sulfite tamanho A4 e diversos lápis de cor e solicitei que as crianças fizessem um desenho sobre tudo o que elas lembrassem das brincadeiras que nós realizamos ao longo da unidade didática. O registro por meio de desenhos foi adotado como estratégia metodológica por possibilitar às crianças expressarem, por meio de uma linguagem gráfica, suas percepções, memórias e significados atribuídos às experiências vivenciadas, conforme discutido por Wiggers e colegas (2025), que compreendem o desenho infantil como um importante recurso na pesquisa qualitativa em Educação Física escolar.

Da mesma forma, para Luquet (2001), por meio do desenho a criança é capaz de reproduzir o seu pensamento expressando a forma como ela compreende e interpreta o mundo ao seu redor, assim ela desenha o que sabe e não apenas o que ela vê e o desenho passa a ser uma representação gráfica do pensamento da criança.

Sendo assim, o desenho pode ser visto como uma forma de a criança reproduzir o conhecimento obtido e construído através da participação nas atividades da unidade didática e optamos por realizar este momento meses depois para que pudéssemos ver o quão significativas as aulas foram para elas.

Ao analisar os desenhos produzidos pelas crianças, observei que cada criança lembrou dos jogos e das brincadeiras de diferentes maneiras. Algumas crianças realizaram desenhos simulando a brincadeira na qual era necessário pular

a corda, seja esta corda simulando o “rio” ou a “cerca”. Uma das crianças se representou brincando junto aos seus colegas lançando os foguetes para o “espaço” e outras crianças lembraram da brincadeira de pular nos colchões. As figuras a seguir (Figuras 20-26) apresentam os desenhos de algumas crianças que conseguiram expressar graficamente os seus conhecimentos sobre a unidade didática.

No dia em que essa atividade foi realizada, eu anotei o nome das crianças na parte de trás da folha e fiz uma anotação da legenda dada pela criança; isto foi feito para que a minha interpretação não fugisse muito do que a criança queria externar por meio da sua produção gráfica.

Figura 20 - Desenho representando o lançamento do foguete.



Fonte: produção das crianças participantes da pesquisa, durante a aplicação da unidade didática.

Na Figura 20, pode-se observar que a criança desenhou três pessoas: ela e outras crianças brincando com o “foguete” que foi utilizado na brincadeira da aula 7 da unidade didática. A brincadeira na ocasião foi a brincadeira de mandar o “foguete do astronauta para o espaço” simulando o lançamento do dardo.

Um detalhe que merece destaque é que a criança utilizou a cor azul no mesmo tom de cor do “foguete” utilizado na aula, sugerindo uma apropriação da experiência pedagógica, indicando desta forma, que ela foi capaz de reconstruir o

objeto em sua memória e reproduzir através do desenho a sua vivência prática promovida pela atividade realizada na aula.

Por ser uma linguagem simbólica, o desenho infantil é um instrumento que a criança pode utilizar para se expressar atribuindo sentidos às suas vivências, por isso podemos considerar que a escolha da cor azul do “foguetes” e o desenho da cesta de basquete da quadra não foram aleatórios e sim intencionais e significativos para a criança (Wiggers et al., 2025).

Figura 21 - Desenho representando a brincadeira de lançar o foguete.



Fonte: produção das crianças participantes da pesquisa, durante a aplicação da unidade didática.

Na Figura 21 é possível notar que a criança se retratou participando da brincadeira de lançar o “foguetes para o espaço”. Neste caso também se referindo à brincadeira retratada na Figura 20. Porém, neste caso, a criança se retratou brincando individualmente, diferentemente da criança anterior que desenhava os seus pares brincando juntos com ela, entretanto, a brincadeira foi recordada pelas duas crianças em suas representações gráficas.

Figura 22 - Desenho representando a brincadeira de acertar a bola mágica no “Sol”.

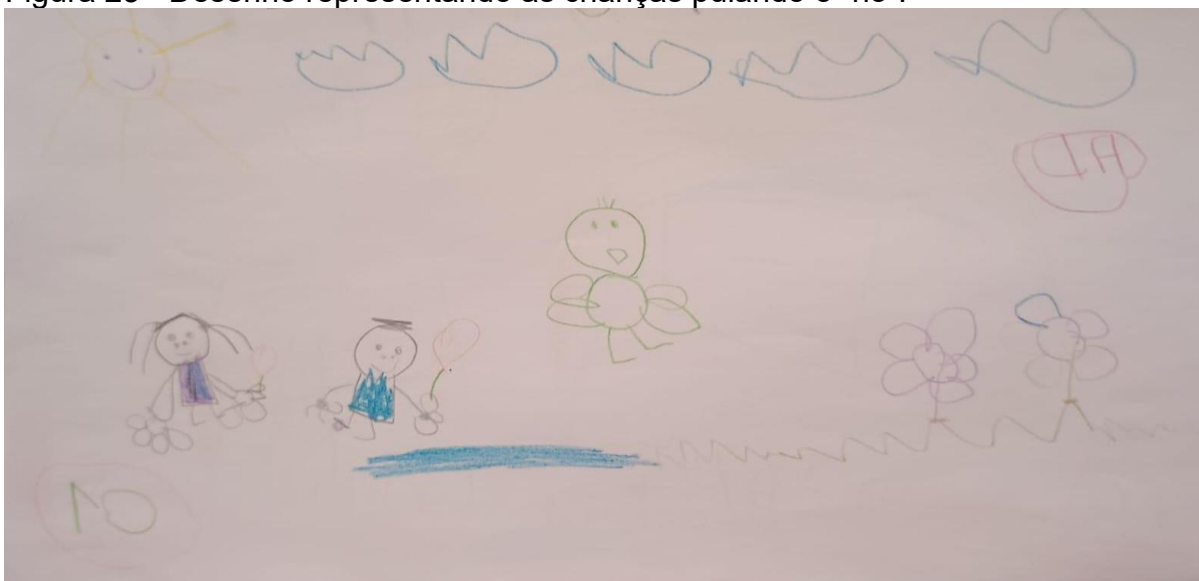


Fonte: produção das crianças participantes da pesquisa, durante a aplicação da unidade didática.

Ao realizar o desenho apresentado na Figura 22, a criança foi muito fiel ao que ocorreu na brincadeira de “acertar a bola mágica no sol”, realizada na aula 6 da unidade didática. Ela desenhou a turma em fila, com a criança que ocupa a posição inicial da fila segurando uma bola (que pode ser interpretada como uma bola mágica, tendo em vista que a criança a desenhou com algumas arestas que podem ser interpretadas por ela como raios de luz) e as demais crianças esperando a sua vez de participar ativamente da brincadeira.

Além disso, também podemos notar que a criança desenhou o sol que deveria ser acertado pela bola e desenhou um cesto de basquetebol semelhante ao existente na quadra da escola (Figura 2), tendo utilizado inclusive as mesmas cores do cesto de basquetebol presente nesse espaço da escola. Isso indica que a criança conseguiu reter esses detalhes mesmo após cerca de três meses do término dessa aula.

Figura 23 - Desenho representando as crianças pulando o “rio”.



Fonte: produção das crianças participantes da pesquisa, durante a aplicação da unidade didática.

Ao analisar a Figura 23, notei que possivelmente a criança se lembrou da brincadeira de saltar sobre o “rio”, que simulava a prova de salto em distância. No desenho a criança retratou ela brincando juntamente com outro colega da turma e desenhou detalhes como o “rio” e as suas margens com gramas e flores. Isso mostra como cada criança brinca e assimila os conhecimentos de maneiras diferentes, tendo em vista que, mesmo elas tendo participado das mesmas brincadeiras, as suas experiências e as suas percepções em relação às brincadeiras se mostraram diferentes umas das outras.

Figura 24 - Desenho representando a brincadeira de pular a “cerca”.

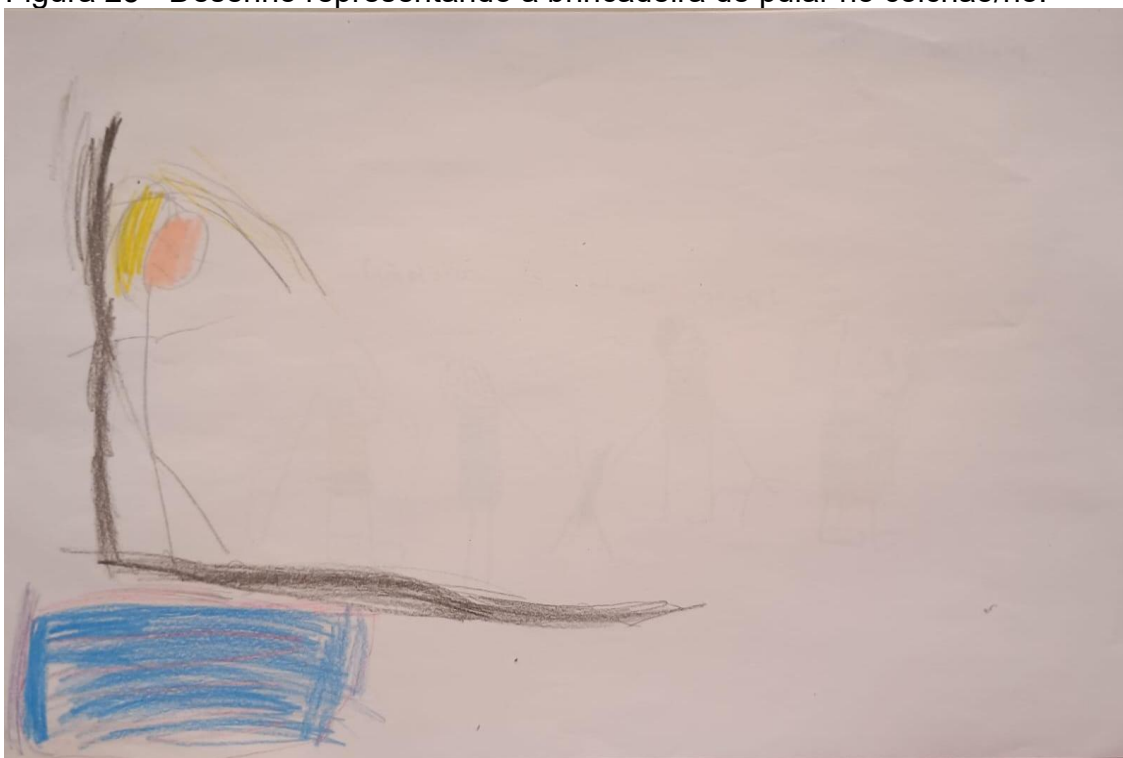


Fonte: produção das crianças participantes da pesquisa, durante a aplicação da unidade didática.

A figura 24 contém elementos relacionados à brincadeira de “pular a cerca” que foi realizada na aula 4 da unidade didática. Neste desenho a criança se retratou brincando com as demais crianças da turma no pátio. Vejam que a cor verde da tinta coincide com as cores utilizadas nas paredes e nos pilares de sustentação (Figura 1) que foram utilizados na brincadeira de pular sobre o colchão simulando a “cerca” mais alta.

Outro aspecto que eu gostaria de destacar é que a criança desenhou os seus colegas participando da brincadeira. Isso possivelmente foi feito com o objetivo de relatar que todos estavam torcendo pelo sucesso de seus colegas, demonstrando que ela pode ter se apropriado de conhecimentos potencializadores de atitudes cooperativas e de sentimentos de empatia e de êxito.

Figura 25 - Desenho representando a brincadeira de pular no colchão/rio.



Fonte: produção das crianças participantes da pesquisa, durante a aplicação da unidade didática.

Figura 26 - Desenho representando a brincadeira de pular o colchão.



Fonte: produção das crianças participantes da pesquisa, durante a aplicação da unidade didática.

As Figuras 25 e 26 representam desenhos nos quais as crianças expressaram os conhecimentos absorvidos na unidade didática. Observa-se que, embora os desenhos se refiram às brincadeiras do mesmo encontro (brincadeiras do terceiro encontro de saltar o “rio” e pular no colchão), cada criança reproduziu de maneira diferente os elementos das brincadeiras.

Na figura 25 a criança desenhou brincando de pular sobre o colchão; ela desenhou o colchão azul, o que também pode ter sido uma referência ao “rio”. Isso porque no encontro em que utilizamos as brincadeiras de saltar no colchão para simular o salto em distância, foi utilizada a metáfora “rio” para delimitar a distância a ser saltada. Neste sentido, parece que a criança utilizou, no mesmo desenho, elementos do ambiente real e elementos imaginativos presentes na metáfora proposta na brincadeira.

A análise dos desenhos apresentada foi realizada em três etapas: (1) descrição por meio das legendas no verso das folhas; (2) análise dos desenhos e; (3) interpretação, por meio da busca da compreensão dos sentidos e significados das representações das crianças. (Wiggers et al., 2025).

Seguindo os apontamentos de Wiggers et al (2025), cada desenho foi

analisado individualmente e em conjunto sob uma abordagem qualitativa. Neste processo foram observados o uso das cores, a presença de movimento, as figuras representadas (pessoas e objetos) e através dos registros escritos no verso das folhas como forma de legenda falada pelas crianças autoras, com o objetivo de compreender o desenho como uma ferramenta de pesquisa capaz de compreender os sentidos e significados atribuídos pelas crianças às representações construídas.

Os resultados das análises das produções foram obtidos pela minha interação com o que aparece nos desenhos. Desta forma, o contexto sociocultural das crianças foi considerado durante todo o processo de análise e os desenhos não foram lidos como uma reprodução da realidade, e sim como fragmentos das vivências, experiências e percepções das crianças (Wiggers et al., 2025).

Deste modo, foi constatado por meio da análise dos desenhos, que mesmo após um período de 03 (três) meses as crianças foram capazes de representar os seus conhecimentos acerca dos saberes previstos na unidade didática através da reprodução das suas recordações por meio dos desenhos.

Cabe também ressaltar que dentre os jogos e brincadeiras mais lembradas pelas crianças estão as brincadeiras de lançar o foguete para o espaço, a brincadeira de saltar sobre o “rio”, as brincadeiras que utilizavam os colchonetes para queda e a brincadeira de acertar a bola no “Sol”.

Além do mais, através da análise dos desenhos, constatei a presença de elementos que fazem referências ao aprimoramento das relações entre os pares potencializando as capacidades cooperativas, uma vez que em algumas reproduções artísticas das crianças, notamos a representação dela e de seus amigos participando das brincadeiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar o processo de elaboração e implementação de uma unidade didática abordando elementos do Atletismo por meio de jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física para crianças de cinco anos de uma Escola Municipal de Educação Infantil, neste sentido, a aplicação da unidade didática, centrada nos jogos e nas brincadeiras com o esporte como plano de fundo, possibilitou analisar de que modo o Atletismo poderia ser abordado no contexto da EI.

Foi elaborada e aplicada a unidade didática composta por brincadeiras adaptadas, utilizando alguns materiais adaptados de fácil acesso. As brincadeiras foram, na sua maioria, de regras simples que buscaram de maneira lúdica abordar elementos básicos do Atletismo de maneira que contemplassem os objetivos de aprendizagem previstos nos Campos de Experiências da BNCC.

A análise do processo de elaboração e implementação da unidade didática permitiu observar que a proposta foi capaz de contemplar os Campos de Experiências e os direitos de aprendizagem previstos na BNCC, de maneira estimulante e segura, por meio da utilização dos jogos e das brincadeiras historiadas para a abordagem de elementos do esporte.

Além da análise da aplicabilidade da unidade didática no contexto escolar, em consonância com os Campos de Experiências e com o universo infantil, também foi possível analisar, por meio dos desenhos produzidos pelas crianças, o nível de assimilação e de apropriação dos conhecimentos desenvolvidos ao longo dos encontros.

Ao analisar os resultados, pude observar que as atividades propostas foram condizentes com o nível de desenvolvimento das crianças, envolvendo situações de corridas, saltos, arremessos e lançamentos, exigindo a realização de movimentos com maior coordenação e equilíbrio. Destarte, as brincadeiras mostraram-se a adequadas para a faixa etária investigada.

Ao longo dos encontros, observei que estas atividades foram condizentes com a capacidade de as crianças compreender a lógica interna dos jogos e das provas do Atletismo, tendo em vista que elas demonstraram o controle e uso adequado do

seu corpo para superar as adversidades encontradas em diversas situações. Esse processo envolveu a ressignificação dos seus movimentos diante dos desafios propostos, como a percepção da necessidade de realizar corridas de aproximação em algumas brincadeiras, a necessidade de empregar mais ou menos força ao lançar um objeto ou a necessidade de mudar a forma de saltar a “cerca” conforme o aumento de sua altura.

Identifiquei poucos momentos de frustração por parte das crianças e nenhuma delas deixou de participar das brincadeiras quando se frustraram. Embora tenham sido observados poucos momentos em que as crianças demonstraram frustração, elas demonstraram reconhecer as suas capacidades e as suas limitações, expressando-se, e compreendendo a lógica interna das brincadeiras e dos conteúdos do Atletismo.

Ao analisar os registros em vídeos das aulas, foi possível verificar que, diante de novos desafios, como por exemplo o aumento da distância entre as “margens do rio” ou aumento da altura da “cerca” na brincadeira que simulava o salto em altura; algumas crianças tiveram que realizar ajustes corporais para superar as adversidades encontradas. Estes resultados estão de acordo com Reis, Lima e Silva, (2021), que ao trabalhar o Atletismo na EI, afirmaram que este esporte foi capaz de despertar nas crianças a autoconfiança e a vontade de superar os seus limites.

Deste modo, o ensino do Atletismo para esta faixa etária se mostrou pertinente na medida em que ele possibilitou a articulação entre diferentes Campos de Experiências e promoveu situações desafiadoras que exigiram a ressignificação dos seus gestos e movimentos. Assim, ações inicialmente espontâneas e exploratórias passaram, ao longo da unidade didática, a ter uma intencionalidade, assumindo novos sentidos dentro de regras, narrativas simbólicas e novos contextos.

No que se refere aos aspectos sociais e cooperativos, notei que as crianças foram capazes de potencializar as suas capacidades cooperativas, mesmo nas brincadeiras em que a criança realizava individualmente. As crianças demonstraram capacidade de escuta, interação e convivência, respeitando os combinados e as regras para a realização das brincadeiras, aguardando a sua vez (respeitando os seus colegas), compartilhando as suas experiências nas rodas de conversa e escutando

os relatos dos colegas, e a participando espontaneamente da organização dos materiais no final das aulas. Esses resultados dialogam com os achados de Reis, Lima e Silva, (2021) e Vasconcelos et al. (2019), que apontam que o ensino do Atletismo na EI pode contribuir para o desenvolvimento das crianças em diferentes aspectos, sejam eles motores, sociais e cognitivos.

A abordagem lúdica do Atletismo na EI auxiliou no processo de desenvolvimento dos movimentos básicos, como saltar e correr. Assim, concordo com Vasconcelos et al (2019) que em um relato de experiência com o ensino do Atletismo na EI, também confirmaram a possibilidade de trabalhar este esporte por meio da ludicidade potencializando os processos educativos e a socialização em equipe, uma vez que eles também observaram que as crianças se sentiram motivadas para participar das brincadeiras e obtiveram melhoras nas suas habilidades motoras.

Embora os jogos e as brincadeiras apresentem potencial para transmitir saberes e valores para as crianças, é necessário que a (o) professora (or) conduza as atividades com intencionalidade pedagógica. Nesse processo, a(o) professora(or) atua como um mediador, um “periscópio” por meio do qual as crianças irão conhecer, construir e conquistar o mundo.

A utilização de brincadeiras historiadas mostrou-se um recurso pedagógico relevante, que serviu como um instrumento motivador e cativante para as crianças. Elas puderam entender os objetivos das atividades de maneira lúdica (por meio de elementos simbólicos e narrativos), aproximando-se do modo como elas entendem o ambiente do qual elas interagem.

O Atletismo mostrou ser um esporte que pode ser facilmente trabalhado na EI, na medida em que ele possibilitou para as crianças a vivência de diferentes brincadeiras, que contribuíram para o desenvolvimento motor, socioemocional e cognitivo das crianças e em consonância com os Campos de Experiências previstos na BNCC. Além disso, pude constatar que os esportes podem ser abordados em segundo plano por meio de atividades lúdicas e historiadas com o auxílio dos jogos e das brincadeiras, uma das unidades temáticas mais condizente com o nível maturacional das crianças do público-alvo.

Os achados deste estudo corroboram estudos citados anteriormente (Costa,

2025; Ferreira, 2024; Reis, 2021; Vasconcelos, 2021), que abordaram a temática do Atletismo no EI e evidenciam o potencial do Atletismo como ferramenta importante no desenvolvimento de diversas habilidades e diversos Campos de Experiências. Como produto dessa dissertação, foi elaborado um recurso educacional com o objetivo de auxiliar profissionais de EF que estão iniciando a sua jornada no EI, além de incentivar novas investigações relacionados à possibilidade de uso dos jogos e das brincadeiras para abordar outros tipos de esportes, sem deixar de lado o lúdico e os direitos de aprendizagem das crianças.

Portanto, o recurso educacional resultante desta dissertação intitulado "Brincando de atletismo na escola", trata-se de um miniguia de Atletismo voltado para crianças da EI, em especial para crianças de cinco anos de idade, de acordo com as experiências vivenciadas pelas crianças participantes deste estudo, com o objetivo de subsidiar a prática docente neste segmento servindo como uma breve iniciação do conteúdo para as crianças, auxiliando no desenvolvimento integral das crianças. O recurso educacional está disponível na página do PROEF/UFSCar: <https://www.proef.ufscar.br/dissertacoes-e-produtos/produtos-educacionais/5a-turma-2024-2026>.

Sinto que uma pesquisa assim teria me ajudado no início da minha jornada, espero que esta pesquisa alcance o maior número de professores possível e que possamos caminhar para a construção de uma EF na EI de qualidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.C; RODRIGUES, A. T; CAUPER, D.A.C; MARTINS, P.C . A máquina do tempo do DEI: Viajando pela história do atletismo na Educação Infantil. **Anais da V Semana de Integração Inhumas**: UEG, 2016, p. 449-458

ANTUNES, C. **Jogo e a educação infantil**. 9. ed. São Paulo: Vozes, 2014. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 1999. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 08 ago. 2025.

AYOUB, E. Narrando Experiências com a Educação Física na EI, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 6, n. 3, p. 143-158, maio 2005.

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, n. supl.4, p. 53, 20 dez. 2001.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 04/2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a EI**. Brasília: CNE/CEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF; MEC; CONSED; UNDIME, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional nº 116/2022**. Brasília, DF: Senado Federal, 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei número 9394**, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA \_ Estatuto da Criança e

do Adolescente.

BREMM, D.; MONTARDO, B. *Atletismo na escola: uma proposta alternativa de ensino. Compartilhando saberes.* Santa Maria: Prograd, 2019.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens.** 1. ed. São Paulo: Vozes, 2017. *E-book.* Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 16 ago 2025.

CARDOSO, A. L.; RONSANI, L. R. A Prática Pedagógica do Atletismo na Educação Física Escolar. *Kinesis*, [S. l.], v. 36, n. 3, 2018. DOI: 10.5902/2316546433453. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/33453>. Acesso em: 2 dez. 2025.

CASTRO, A. **Jogos e brincadeiras para educação física.** 2. ed. São Paulo: Vozes, 2014. *E-book.* Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 07 ago. 2025.

CAVALARO, A. G.; MULLER, V.R. Educação Física na EI: uma realidade almejada. *Educar em Revista*, n. 34, p. 241–250, 2009.

**CBAAt - Confederação Brasileira de Atletismo.** Disponível em: [https://www.cbat.org.br/atletismo\\_escolar/default.asp](https://www.cbat.org.br/atletismo_escolar/default.asp). Acesso em: 10 jun. 2024.

CBAAt - Confederação Brasileira de Atletismo. **Miniatletismo:** iniciação ao esporte: guia prático de atletismo para crianças. Tradução de Alda Martins Pires, Nilton Cesar Ferst. 2. ed. rev. e alt São Paulo: CBAAt, 2014. 62 p.: il. Disponível em: [http://sistemas.cob.org.br/sophia\\_web/index.asp?codigo\\_sophia=17042](http://sistemas.cob.org.br/sophia_web/index.asp?codigo_sophia=17042). Acesso em: 21 ago. 2025.

CÓRIA-SABINI, M.A.; LUCENA, R.F.. **Jogos e brincadeiras na educação infantil.** 1. ed. Campinas: Papyrus, 2023. *E-book.* Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 15 ago 2025.

COSTA, Eduardo Aleixo da. **O ensino do atletismo nas aulas de Educação Física da educação infantil: possibilidades e desafios**. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 4 jun. 2025.

DIAS, I.S. O lúdico. **Educação & Comunicação**, p. 121–133, jan. 2005.

FERNANDES, J. L. **Atletismo**: corridas. 3 ed. São Paulo: EPU, 2003.

FERREIRA, Caio Henrique Caldato Ferreira. O ensino de educação física na educação infantil: contribuições acerca do objeto de ensino atletismo. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 19 mar. 2024.

GEMENTE, Flórence Rosana Faganello; MATTHIESEN, Sara Quenzer. Formação continuada de professores: construindo possibilidades para o ensino do atletismo na Educação Física escolar. **Educar em Revista**, n. 65, p. 183–200, set. 2017.

GOULART, A.R. **Jogos pré-desportivos na educação física escolar**: linhas de ensino, desenvolvimento motor e psicomotricidade. 1. ed. São Paulo: Labrador, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 15 ago 2025.

GUERRA, V.L. **Temporadas de brincadeiras**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-02092009-144325/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KISHIMOTO, T et al. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 2017.

LORO, A. P. Teachers training and representations on playing: contributions of Humberto Maturana`s ideas. 2008. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

LORO, A.P.. **Jogos e brincadeiras**: pluralidades interventivas. 2. ed. Curitiba: Intersaberes, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 07 ago. 2025.

MACEDO, B.R.N.; **Desenvolvimento de Jogos e atividades lúdicas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2024. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 16 ago 2025.

MAFFEI, W.S. **Proposições teórico-metodológicas e práticas pedagógicas da educação física**. 1. ed. Curitiba, PR: Intersaberes, 2019. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 16 ago 2025.

MAGNO, C.; MENDONÇA, E.; MENDONÇA, M. O atletismo como recurso metodológico no ensino infantil. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Nº 159, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOYLES, J. (2002). **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil** (M. A. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

NAÇÕES UNIDAS. Declaração dos Direitos da Criança. 20 de novembro de 1959. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> Acesso em 19 de agosto de 2025.

RAU, M. C. T. D. **Jogos, brinquedos e brincadeiras na Educação Física**.

CURITIBA, PR: Iesde, 2022.

REIS, S. M. G. **Movimente-se**: brincadeiras e jogos para o desenvolvimento da coordenação motora. 1. ed. Campinas: Papirus, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 07 ago. 2025.

REIS, L.A.G; LIMA, S.R.; SILVA, F.F.P. Atletismo como possibilidade de ensino na Educação Infantil. **Revista Fluminense de Educação Física**, Rio de Janeiro, Edição especial, p. 01-10, set. 2021.

RIBEIRÃO PRETO. Secretaria Municipal da Educação. **Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto, 2022. Disponível em: <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/pdf/educacao501202203.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2026.

RUGGERI, M. C. D. **Ludicidade na educação infantil**. 1. ed. São Paulo, SP: Pearson, 2015. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 16 ago 2025.

SAYÃO, D.T. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002.

SAYÃO, D.T. **Educação Física na Pré-escola**: da especialização disciplinar à possibilidade de trabalho pedagógico integrado. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

SIMÃO, M. B. Educação física na educação infantil: refletindo sobre a “hora da educação física”. **Revista Motrivivência**. n. 25, dez. 2005

SILVA, T. A. C.; PINES JUNIOR, A. R.. **Jogos e brincadeiras**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 04 ago. 2025.

SILVEIRA, L.; CUNHA, A. **O jogo e a infância: entre o mundo pensado e o mundo vivido**. [S.l.]: Whitebooks, 2014.

VASCONCELOS, Eliton Da Silva *et al.* ATLETISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: AS EXPERIÊNCIAS DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 4, n. 1, p. 126–141, 19 ago. 2019.

WIGGERS, Ingrid Dittrich; *et al.* **O desenho infantil como metodologia de pesquisa: “Colorindo” a Educação Física escolar**. In: FRASSON, Jessica Serafim; SOUZA JÚNIOR, Marcílio (Orgs.). *A pesquisa qualitativa em Educação Física escolar*. Curitiba: CRV, 2025. p. 67-81.

WITTIZORECKI, E. S.; DAMICO, J. G. S.; SCHAFF, I. A. B. **Jogos, recreação e lazer**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 16 ago 2025.

ZABALZA, M. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

#### O ENSINO DO ATLETISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O seu(sua) filho(a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “**O Ensino do Atletismo na Educação Infantil**”, que tem como pesquisadora responsável a Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi, docente do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e que será desenvolvida pelo professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz, orientando de mestrado da Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi.

O objetivo desta pesquisa é analisar o processo de elaboração e implementação de uma unidade didática sobre atletismo nas aulas de Educação Física para alunas e alunos da Educação Infantil. O(a) seu(sua) filho(a) foi selecionado por (a) estar matriculado regularmente na escola participante da pesquisa.

A atuação do(a) seu(sua) filho(a) consiste em participar das aulas de Educação Física da escola. Nestas aulas serão realizadas atividades dirigidas, que incluirão jogos e brincadeiras sobre atletismo, sob a regência/condução do professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz, professor de Educação Física da escola e orientando de mestrado da Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi, pesquisadora responsável por essa pesquisa. Para facilitar o registro posterior de cenas ou diálogos, as atividades serão filmadas com celular. Após a realização de cada aula o professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz irá elaborar diários de aula em um software/aplicativo de edição de texto nos quais ele irá registrar informações das aulas. Serão realizadas 2 aulas por semana, ao longo de 5 semanas, totalizando 10 aulas.

As imagens e falas do(a) seu(sua) filho(a) assim como todas as informações das atividades realizadas durante as aulas de Educação Física registradas nos diários de aula do professor/pesquisador de Educação Física serão tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, em nenhum momento será divulgada a identidade do(a) seu(sua) filho(a) em qualquer fase do estudo. O professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz será responsável pelo armazenamento adequado dos dados coletados (arquivos de vídeo das atividades realizadas em aula e arquivos de texto dos diários de bordo), bem como pelos procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações referentes ao(a) seu(sua) filho(a). Para isso, uma vez concluída a coleta de dados, o professor/pesquisador fará o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”. Somente o professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz e a pesquisadora responsável Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi terão acesso a estes arquivos salvos neste dispositivo eletrônico local. Quando for necessário exemplificar determinada situação, a privacidade do(a) seu(sua) filho(a) será assegurada. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos mas, em nenhum momento, o nome ou imagem do(a) seu(sua) filho(a) serão divulgados.

A participação nas atividades realizadas durante as aulas de Educação Física não será invasiva à intimidade dos(as) participantes, entretanto esclarecemos que a participação na pesquisa pode gerar estresse, constrangimento ou desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações, além dos riscos comuns as aulas de Educação Física, como quedas, escoriações etc. Importante destacar que os pesquisadores estarão atentos a esses riscos, tomando os cuidados necessários e buscando acolher e fornecer suporte aos participantes que se sentirem abalados de alguma forma em decorrência direta ou indireta da participação da pesquisa. Diante dessas situações e mesmo com todos os cuidados, caso o(a) participante se sinta desconfortável com a situação, terá a liberdade de não participar das atividades quando se sentir incomodado, podendo interromper a participação a qualquer momento e retomar quando julgar apropriado ou interromper e, após a interrupção, não reiniciar mais a atividade.

O seu(sua) filho(a) não terá nenhum custo ou compensação financeira ao participar do estudo. Entretanto, todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas O seu(sua)

filho(a) terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

O desenvolvimento desta pesquisa e a participação do seu(sua) filho(a) proporcionarão benefícios diretos [para seu(sua) filho(a)] e indiretos (para a área de Educação Física escolar). Os benefícios diretos incluem a oportunidade de vivenciar experiências que envolvam jogos e brincadeiras sobre atletismo. Os benefícios indiretos estão relacionados à contribuição para a ampliação do conhecimento sobre as possibilidades de incorporação de jogos e brincadeiras sobre atletismo nas aulas de Educação Física escolar da Educação Infantil.

A participação do(a) seu(sua) filho(a) é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação ao pesquisador ou à UFSCar.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, no qual consta o telefone, email e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação do(a) seu(sua) filho(a) agora ou a qualquer momento por meio as informações de contato do pesquisador responsável.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da UFSCar que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas.

Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br).

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br).

---

Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi  
Pesquisadora Responsável  
Docente do DEFMH/UFSCar  
Rod. Washington Luiz, Km 235, São Carlos, SP, 13.565-905  
[danielagodoij@ufscar.br](mailto:danielagodoij@ufscar.br) / (16) 99782-3979

Fui informado que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br). Eu declaro que estou ciente e autorizo a filmagem da participação do(a) meu(minha) filho(a) nas atividades descritas neste Termo, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do(a) meu(minha) filho(a) na pesquisa, e aceito que o(a) meu(minha) filho(a) participe desta pesquisa. E, sendo participação totalmente voluntária, estou livre para desistir, a qualquer momento, de colaborar com a pesquisa, sem qualquer prejuízo pessoal ou profissional. Declaro também que recebi uma via deste Termo e tive a possibilidade de lê-lo.

São Carlos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Responsável pelo Participante

## APÊNDICE B - Termo de Autorização de Imagem

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu \_\_\_\_\_, portador da Cédula de Identidade RG nº \_\_\_\_\_, representante legal de \_\_\_\_\_,

AUTORIZO a captação de imagem, por meio de filmagem feita com celular, do estudante sob minha responsabilidade legal durante a participação do mesmo na pesquisa "O Ensino do Atletismo na Educação Infantil", desenvolvida pelo professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz, orientando da Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

O professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz será responsável pelo armazenamento adequado dos arquivos de vídeo das atividades realizadas em aula. Para isso, uma vez concluída a coleta de dados, o professor/pesquisador fará o *download* dos arquivos de vídeo coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". Somente o professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz e a pesquisadora responsável Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi terão acesso a estes arquivos salvos neste dispositivo eletrônico local.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima descrito exclusivamente para o fim de análise de dados da pesquisa já mencionada.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito da imagem do estudante sob minha responsabilidade, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à sua imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

\_\_\_\_\_  
 Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi  
 Pesquisadora Responsável  
 Docente do DEFMH/UFSCar  
[danielagodoij@ufscar.br](mailto:danielagodoij@ufscar.br)  
 (16) 99782-3979

\_\_\_\_\_  
 Osvaldo de Jesus Cruz  
 Professor Pesquisador  
 Docente da EMEI Áurea Ap. B.Machado  
[osvaldocruz@estudante.ufscar.br](mailto:osvaldocruz@estudante.ufscar.br)  
 (14) 99625-0136

Local e data: \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do responsável pelo participante**

## **APÊNDICE C – Roteiro para elaboração dos diários de aula**

Os diários de aula serão elaborados pelo professor/pesquisador Osvaldo de Jesus Cruz após a realização de cada aula de Educação Física e visam registrar os principais fatos/eventos ocorridos durante o desenvolvimento de cada aula. Os itens a serem observados e registrados nos diários de aula seguirão o roteiro apresentado a seguir.

### **Estrutura da aula:**

- Data
- Horário de início e fim da atividade
- Condições climáticas
- Local utilizado para realização das atividades
- Atividades realizadas na aula
- Estratégias pedagógicas utilizadas na aula
- Dificuldades observadas/encontradas na realização das atividades

### **Alunos:**

- Compreensão das atividades propostas
- Motivação para realizar as atividades propostas
- Participação nas atividades propostas
- Percepção das necessidades do colega
- Colaboração com os colegas nas atividades propostas
- Envolvimento com as atividades propostas
- Respeito às normas coletivas de disciplina
- Iniciativa nas atividades propostas
- Reação a possíveis frustrações decorrentes das atividades propostas
- Dificuldades para realizar as atividades propostas
- Segurança na resolução das próprias dificuldades

- Capacidade de perceber emoções em situações próprias
- Capacidade de identificar emoções em situações alheias
- Capacidade de nomear emoções em situações próprias e alheias,
- Capacidade de expressão verbal e não verbal acerca das emoções
- Consciência corporal acerca das emoções

**Considerações:**

- Reflexão sobre o modo como a aula transcorreu e os processos educativos que emergiram dessa intervenção.
- Eventos e observações não previstos no roteiro.

## APÊNDICE D – Diário de aula 1

### DIÁRIO DE AULA 1º ENCONTRO

Hoje é dia 06 de maio de 2025, a minha aula com esta turma começou às 09:50 e terminou às 11:30. Ao chegar na sala as crianças vieram na porta para me recepcionar com abraços, após este momento de euforia eu pedi para que todos se sentassem e comecei a fazer a chamada. Estavam presentes 18 alunos, sendo 09 meninas e 09 meninos.

Após realizar a chamada, eu fiz uma breve introdução de como seria esta aula, explicando que inicialmente nós iríamos assistir um vídeo e depois nós iríamos para o pátio fazer uma brincadeira.

Eu organizei as crianças em fila e comecei a circular pela escola à procura de uma sala que tivesse uma televisão e que eu pudesse mostrar o vídeo para elas (a escola tem 3 salas com TVs), fiquei cerca de 15 minutos para conseguir encontrar uma televisão que deu certo de reproduzir o vídeo.

Por precaução eu levei o vídeo gravado em um Pendrive e fiz a postagem dele no meu canal do Youtube para o caso de não dar certo de reproduzir através do Pendrive, no final das contas eu tive que conectar a Smarttv na internet do meu celular para reproduzir o vídeo.

Mostrei o vídeo para as crianças que assistiram sentadas e atentas, na primeira amostra do vídeo um aluno reconheceu a minha voz, neste momento eu disse que foi eu quem criou o vídeo. Passei o vídeo uma vez sem interrupção e depois eu passei o vídeo novamente interrompendo e explicando cada informação importante.

Após a gente assistir o vídeo conversei brevemente com as crianças para sondar os conhecimentos prévios deles sobre o atletismo, mas as respostas sempre foram de encontro com o que eles viram no vídeo.

Inicialmente estava prevista a realização da brincadeira de “corrida sobre as montanhas” no pátio da escola, que compreende um espaço maior, com piso nivelado e retangular, entretanto, ao chegar no pátio havia uma professora com a sua turma brincando nele, em função disso tivemos que mudar a brincadeira e passar para a brincadeira prevista para o segundo encontro.

Deste modo, fomos para a quadra e realizamos a brincadeira de “arremessar a bola para o outro lado do rio” com duração aproximada de 50 minutos, sendo que eu finalizei a aula às 11h20 para que os alunos pudessem fazer a higienização para ir almoçar.

Hoje está um dia ensolarado com temperatura agradável, as aulas foram realizadas na “quadra” da escola, que é local pequeno e com o piso com um leve declive, mas condizente com a atividade realizada.

Utilizei como estratégia pedagógica a roda de conversa, a utilização de vídeos e a utilização da brincadeira de jogar a bola sobre o rio. A maior dificuldade que eu encontrei para a realização da atividade foi em relação ao comportamento das crianças, mas nada que fugiu do comum, as crianças conseguiram realizar as atividades normalmente, mostrando terem compreendido o funcionamento da brincadeira, não houve desmotivação por parte de nenhum aluno.

Apenas uma aluna apresentou dificuldade em respeitar as normas coletivas de disciplina, mas após ter a atenção chamada algumas vezes ela entendeu um pouco melhor estas normas, mas não foi nada que atrapalhasse a realização da brincadeira por ela e pelos colegas.

As crianças não apresentaram frustração por não ter conseguido superar as etapas da brincadeira, tendo em vista que não havia exclusão de nenhuma criança que errasse.

A aula ocorreu dentro do esperado, com as crianças conseguindo realizar as etapas da brincadeira de maneira segura, sem apresentar frustrações, conflitos ou demonstrar frustração.

## APÊNDICE E – Diário de aula 2

### DIÁRIO DE AULA 2º ENCONTRO

Hoje dia 13 de maio eu entrei na sala com alguns minutos de atraso em função de a professora de Arte estar terminando de organizar a sala antes da troca de professores. Após a saída dela e como de costume, as crianças vieram correndo até a porta para me abraçar, contar as novidades e mostrar as novas aquisições deles.

Passado esse momento de euforia, eu solicitei que todos se sentassem em seus lugares e fizessem silêncio para eu realizar a chamada, após o término da chamada eu conversei com as crianças sobre como seria a nossa aula, lembrando o que foi realizado na aula anterior e explicando a brincadeira de hoje.

A coleta de dados foi iniciada às 10h e finalizada às 11h20, estava um dia de Sol, mas com uma temperatura agradável, por ser uma brincadeira de corrida e que necessitava de mais espaço e de um piso plano, a aula foi pensada para ser realizada no pátio.

Inicialmente expliquei novamente para as crianças a dinâmica da aula de hoje e posteriormente realizamos os alongamentos e os aquecimentos. Após esta etapa coloquei as crianças sentadas encostadas em uma parede e comecei a preparar o espaço para a realização da primeira brincadeira de estafeta que simulava uma prova de corrida de revezamento, brincadeira que foi apresentada para as crianças com o nome de “corrida do sorvete”.

Eu percebi que esta foi uma brincadeira em que as crianças ficaram animadas de brincar e algumas vezes, antes de iniciar a sua participação, as crianças sempre diziam qual era o sabor do sorvete delas.

Após a realização desta brincadeira por todas as crianças eu apresentei a brincadeira “corrida sobre as montanhas”, de modo que eu contei uma história na qual as crianças eram “gigantes” e deveriam correr sobre as barreiras que eram as nossas “montanhas” e o pátio era a “floresta da escola”.

No final da aula eu realizei uma roda de conversa com as crianças e gravei o áudio dessa breve roda, com o objetivo de captar as sensações que as crianças tiveram ao realizar estas brincadeiras.

Para realizar as brincadeiras eu utilizei a roda de conversa, a brincadeira

historiada e utilização de estafeta. As dificuldades que as crianças apresentaram consistiram na dificuldade inicial de entender como a corrida do sorvete seria realizada, mas com o decorrer da brincadeira todos conseguiram brincar e na brincadeira de correr sobre “as montanhas” algumas crianças apresentaram ligeiras dificuldades em saltar sobre as barreiras, mas a maioria conseguiu brincar.

É importante salientar que uma aluna, me disse que estava com medo de fazer a corrida sobre “as montanhas”, mas após o meu incentivo ela realizou a tentativa e conseguiu terminar com êxito.

A maioria dos alunos conseguiu compreender as atividades propostas, demonstraram motivação para realizá-las e colaboraram com o desenvolvimento da aula.

Em alguns momentos da aula eu tive que intervir no comportamento de alguns alunos, mas nada fugiu do normal. No decorrer da aula eu pude observar que as brincadeiras propostas apresentaram êxito e foram bem aceitas pelas crianças, atingindo o objetivo da aula.

## APÊNDICE F – Diário de aula 3

### DIÁRIO DE AULA 03

Hoje dia 27 de maio a coleta começou às 10h20 e terminou às 11h20h, embora a aula tenha começado 09h50 levei bastante tempo para preparar a turma e ir para a quadra. Pois como de costume, as crianças ficam agitadas e felizes quando eu chego na sala. E eu também aproveitei o início da aula para conversar com as crianças e deixei elas brincarem alguns minutos com alguns brinquedos.

Hoje o tempo (durante a coleta) estava moderadamente frio e na turma tinham 17 alunos presentes. Na quadra eu iniciei a coleta de dados com o alongamento e o aquecimento, posteriormente eu expliquei como seriam as brincadeiras.

Realizei duas brincadeiras com o objetivo de simular o salto em distância. A primeira brincadeira foi apresentada como a “brincadeira de saltar o rio” na qual as crianças pularam de uma corda para a outra como se estivessem pulando sobre o rio, todas as crianças brincaram sem restrições e com segurança.

Ao terminar os alongamentos, eu solicitei que todos se sentassem para que eu pudesse organizar a brincadeira, para isso eu coloquei duas cordas no chão dispostas paralelamente, realizei um salto sobre o rio e depois chamei as crianças para realizar os saltos delas. Eu comecei a brincadeira com as margens do rio distantes em 1 metro e aumentei uma vez essa distância em 10 centímetros.

Após o término da primeira brincadeira eu preparei o espaço para a realização da segunda brincadeira prevista, para isso eu posicionei os colchões e orientei as crianças a correr e pular em cima deles passando por cima de uma corda de referência.

Com o decorrer da brincadeira, eu percebi que algumas crianças estavam fazendo uma corrida de aproximação, assim eu orientei a turma a correr sobre a amarelinha que tem na quadra e depois realizar a queda nos colchões.

Hoje as crianças realizaram as brincadeiras sem dificuldades, embora algumas não conseguiram saltar de um lado do rio para o outro sem que desse um salto “dentro” dele, mas entendo que esta foi mais uma questão de não conseguir saltar a distância proposta mesmo.

Aparentemente elas demonstraram compreender as atividades propostas,

não houve casos de não participação das crianças, durante a realização das brincadeiras eu tive que chamar a atenção da turma em alguns momentos, mas não houve comprometimento da aula por causa disso.

Percebi que as crianças conseguiram realizar as brincadeiras e elas foram seguras (na segunda brincadeira eu fiquei posicionado logo após os colchões para evitar que elas aterrissarem fora deles) e o objetivo proposto foi alcançado.

## **APÊNDICE G – Diário de aula 4**

### **DIÁRIO DE AULA 4º ENCONTRO**

Hoje dia 03 de junho de 2025 realizei a coleta de dados referente ao quarto encontro das aulas previstas. Utilizei a brincadeira de “saltar a cerca” para simular a prova de salto em altura do Atletismo.

Eu entrei na sala com sete minutos de atraso, pois eu estava esperando a professora que estava na sala sair para que eu pudesse entrar, as crianças me receberam efusivamente e depois eu os organizei para que eu pudesse fazer a chamada. Como havia poucos alunos foi um momento tranquilo e não precisei me esforçar muito para fazer a chamada.

Após a chamada eu conversei brevemente com os alunos sobre as brincadeiras anteriores e expliquei como seria a brincadeira de hoje.

Inicialmente estava um dia chuvoso e no decorrer da aula a chuva foi diminuindo, entretanto eu decidi realizar as atividades no pátio em função da quadra estar molhada.

Para realizar a atividade foi utilizada uma corda e 12 colchonetes. Foi realizada uma aula prática com um momento inicial reservado para o aquecimento e os alongamentos e havia 13 alunos presentes.

Os alunos foram dispostos sentados no chão do pátio enquanto eu posicionava a corda no chão, posteriormente eu orientei os alunos a passarem de maneira livre por cima da corda e sem a necessidade de fazer fila, dois alunos acabaram trombando levemente e eu aproveitei a situação para reforçar o recado sobre a importância de tomar cuidado com o colega e respeitar a vez de cada um participar de brincadeira.

Após a primeira etapa eu amarrei a corda entre dois pilares do pátio a uma altura de 10 centímetros e conforme as crianças iam passando eu fui aumentando a altura em 5 centímetros a cada tentativa até atingir a altura de 30 centímetros.

Ao atingir esta altura eu percebi que as crianças já estavam começando a apresentar dificuldades em passar por cima da corda, principalmente as com menor estatura. Dito isso, eu coloquei colchonetes no chão para oferecer um local de queda para as crianças, nesta etapa os alunos me ajudaram a buscar os colchonetes na sala de EF.

Neste momento, levei as crianças até a sala de materiais de EF e deleguei a responsabilidade de carregar os colchonetes até o pátio (embora nem fosse necessário, pois as crianças sempre gostam de ajudar)

Depois que chegamos no pátio novamente, eu falei para as se sentarem no chão para que eu pudesse preparar a brincadeira. Depois que eu preparei tudo, eu orientei as crianças a passarem por cima da corda e cair nos colchonetes, falando que agora a cerca estava maior e que a gente teria que pular bem alto.

A altura foi aumentando em 5 centímetros até a altura de 55 centímetros, entretanto, nessa última altura uma boa parte das crianças começaram a encostar na corda ou até mesmo cair em cima dela, sendo assim, a altura de 50 centímetros foi superada por todos.

Notei que a altura de 50 centímetros foi tranquila para todas as crianças, a altura seguinte já ficou um pouco difícil, mas como não era o objetivo segregar nenhuma criança e também em função de o tempo da aula já estar acabando aliada às questões de segurança, eu optei por encerrar a brincadeira.

Eu percebi que as crianças compreenderam as atividades propostas e se sentiram motivadas para realizar a brincadeira em função da possibilidade de superar as alturas, sem qualquer tipo de intercorrência, a quantidade de colchonetes foi suficiente para amortecer a minha queda, então para as crianças também foi apropriada.

Em alguns casos as crianças ajudavam os colegas com dicas, como a de correr um pouco antes de pular ou saltar de lado. Hoje as crianças estavam calmas e seguiram os combinados para a realização das atividades propostas e a aula transcorreu bem, entretanto é uma brincadeira que pode durar um tempo considerável da aula em função do aumento gradativo da altura, mas é possível de ser realizada em uma aula de 50 minutos.

Um fato que não estava previsto no roteiro foi a chuva, pois a atividade estava prevista para ser realizada na quadra, entretanto ela fica molhada quando chove e transferi a atividade para o pátio, assim tive a intercorrência de dividir o espaço com os demais profissionais da escola e com as crianças que saíam das suas respectivas salas para ir ao banheiro ou beber água.

## APÊNDICE H – Diário de aula 5

### DIÁRIO DE AULA 5º ENCONTRO

Dia 10 de junho de 2025 hoje eu realizei mais uma coleta através da utilização da atividade de simulação do salto triplo, utilizando a brincadeira da amarelinha e a brincadeira do chão é lava. Estava um dia frio e ensolarado, as brincadeiras foram realizadas no pátio da escola e precedidas por um momento de aquecimento e alongamentos, a aula iniciou às 09h50 e terminou às 11h30, sendo que a duração da coleta durou aproximadamente 50 minutos com 18 alunos presentes.

A primeira atividade realizada foi a brincadeira de pular amarelinha, os alunos foram dispostos em fila e liberados para pular a amarelinha de maneira livre. Após algumas tentativas de pular a amarelinha eu posicionei as crianças sentadas em uma coluna, desenhei três quadrados no chão e expliquei para elas que a próxima brincadeira seria a brincadeira do chão é lava. Assim elas deveriam pular de quadrado em quadrado seguindo a numeração deles, inicialmente os quadrados estavam próximos um do outro, nesta disposição as crianças apresentaram dificuldades em realizar os saltos, sendo assim, eu desenhei mais três quadrados um pouco mais distantes um do outro, sendo que a orientação foi que as crianças pularem nos três quadrados e “caíssem” o mais longe possível do último quadrado, vendo a dificuldade das crianças em cair o mais longe possível, eu desenhei um “rio de lava” logo após o terceiro quadrado para que elas caíssem no outro lado do rio e elas passaram a entender melhor a brincadeira.

Foi observado que as crianças perceberam que ficava mais fácil saltar sobre as “pedras” se elas pegassem um impulso inicial, realizando uma corrida prévia. No final da aula os alunos demonstraram ter compreendido as atividades propostas, mas cada criança realizou a brincadeira de uma maneira diferente, sem fugir do objetivo proposto, entretanto, duas crianças não mostraram motivação para realizar as atividades e em alguns momentos elas ficaram sentadas sem participar da aula. Salvo alguns alunos, a maior parte da turma seguiu os combinados para a aula e os casos de “indisciplina” não interferiram no desenvolvimento da aula.

No geral a aula transcorreu bem, com poucos momentos de agitação de

algumas crianças, e se comparado com as coletas anteriores, houve uma boa melhora comportamental das crianças, mesmo havendo um número considerável de alunos presentes.

Eu percebi que algumas crianças apresentaram dificuldades em realizar os saltos sobre os quadrados que estavam muito próximos, com o aumento da distância houve uma considerável melhora no engajamento das crianças, acho que em função delas terem mais êxito na realização da brincadeira. Também observei que após desenhar o rio de lava após o último quadrado o entendimento das crianças em relação à brincadeira melhorou e a maioria conseguiu realizar os movimentos esperados.

## APÊNDICE I – Diário de aula 6

### DIÁRIO DE AULA 6º ENCONTRO

Dia 17 de Junho de 2025, hoje foi um dia típico de inverno, ensolarado e com uma temperatura amena. Realizamos a coleta na quadra da escola, a aula teve início às 09h50 e término às 11h30, a atividade teve duração de aproximadamente uma hora.

Eu cheguei na porta da sala e tive que ficar esperando por alguns minutos a saída da professora que estava lecionando para eles antes do meu horário. Neste instante uma criança abriu a porta para sair da sala e ir ao banheiro e ao me ver ela contou para a turma toda que eu já havia chegado.

Assim a professora viu que eu cheguei e começou a arrumar os seus pertences para sair da sala, enquanto isso algumas crianças começaram a vir até a porta para me abraçar e conversar comigo. Entrei na sala e fiz a chamada como de costume, conversei brevemente com a turma sobre as brincadeiras anteriores e expliquei onde e como seria a brincadeira de hoje.

Estavam presentes 16 alunos, inicialmente foi realizado o aquecimento e o alongamento, após esta etapa eu posicionei um arco preso em uma corda (como se fosse um varal) e contei uma história para a realização da brincadeira.

A brincadeira consistia em acertar uma bolinha de malabares no arco, simulando a brincadeira de acertar a bolinha mágica no monstro que estava roubando o calor do Sol.

Assim as crianças foram dispostas em uma fila, na hora da sua vez, cada criança pegava a bolinha, se posicionava dentro do bambolê e jogava a bolinha para acertar dentro do arco.

Esta foi uma atividade que as crianças fizeram sem maiores dificuldades, elas demonstraram compreender as atividades propostas e se sentiram motivadas para brincar, respeitando as regras e com bastante engajamento.

No decorrer da brincadeira, o arco que estava no chão foi posicionado mais distante do alvo e as crianças foram realizando mais tentativas e em certo momento da aula, elas conseguiram se organizar na fila para a realização das tentativas sem que eu interviesse, sendo que a maioria respeitou a ordem e não tentou “furar” a fila

de nenhum colega.

A meu ver, esta aula transcorreu bem, sem a necessidade de intervenção e as crianças se mostraram motivadas para brincar, esta aula aconteceu na quadra da escola.

## APÊNDICE J – Diário de aula 7

### DIÁRIO DE AULA 7º ENCONTRO

Dia 24 de junho de 2025, a aula teve início às 09h50 e término às 11h30, a coleta teve a duração de aproximadamente 40 minutos e foi realizada no pátio da escola, inicialmente esta brincadeira estava prevista para ser realizada no encontro anterior, mas por entender que não daria tempo de terminar a brincadeira foi decidido estender o cronograma para mais um encontro, hoje estava um dia frio e como de praxe, as crianças realizaram o aquecimento e os alongamentos antes de começar a brincadeira.

Retomando a aula anterior na qual as crianças ajudaram a acertar a bola mágica no monstro do Sol, contei a história de que nós éramos astronautas e precisávamos lançar o foguete do astronauta para o Espaço.

Nesta brincadeira utilizamos um foguete confeccionado por mim, com a utilização de um cano pvc coberto com um “espaguete” de natação. Inicialmente orientei as crianças a correrem segurando o foguete na mão e fazer o lançamento quando a gente chegasse na marca da cerca utilizada em um dos encontros anteriores.

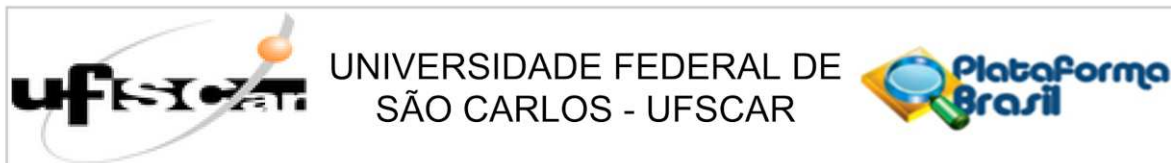
Assim cada criança foi realizando as suas tentativas de maneira livre, algumas crianças utilizavam a corrida de aproximação e realizavam o lançamento antes da marca definida, outras apresentaram dificuldades em respeitar a marca do chão e as vezes apresentavam dificuldades em realizar o lançamento.

No geral todas as crianças brincaram e obedeceram às regras da brincadeira, houve um momento em que eu tive que chamar a atenção geral da turma, mas a aula transcorreu normalmente.

Boa parte das crianças compreenderam as atividades propostas, mas alguns apresentaram dificuldade em lançar o objeto, talvez isso tenha ocorrido em função do peso ou tamanho dele.

Entretanto, não houve demonstrações de frustração e todas as crianças participaram da brincadeira, cada uma dentro das suas possibilidades.

## ANEXO 1 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O ensino do atletismo na educação infantil

**Pesquisador:** Daniela Godoi Jacomassi

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 85565224.7.0000.5504

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 7.577.860

[...]

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 19 de Maio de 2025

---

**Assinado por:**  
**Sonia Regina Zerbetto**  
 (Coordenador(a))

[...]

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP                      **Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br